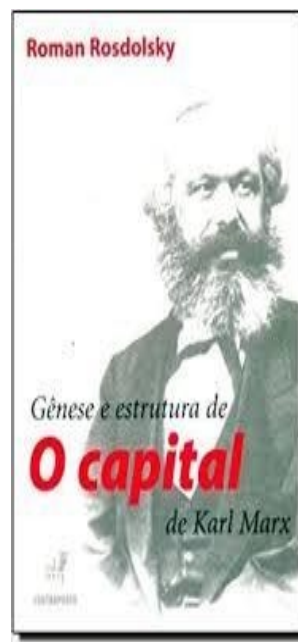

BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 05 – 31.05.2022

**PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA
TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO
(continuação)**

CAPÍTULOS 6 a 8 – AS FUNÇÕES DO DINHEIRO

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 05

PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO (continuação)

Capítulos 6 a 8 – As funções do dinheiro: O dinheiro como medida do valor e como meio de circulação das mercadorias e “o dinheiro como dinheiro” [03](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [31](#)

FOLHETO Nº 05¹

PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO (continuação)

Capítulos 6 a 8 – As funções do dinheiro

Ao longo dos três capítulos desta etapa de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”², Roman Rosdolsky traz à tona as funções ou determinações do dinheiro em Marx: **o dinheiro como medida do valor** (capítulo 6), **o dinheiro como meio de circulação** (capítulo 7) e **“o dinheiro como dinheiro”** (capítulo 8), cujo tema, nos manuscritos *Grundrisse* de 1857/1858 (“Elementos fundamentais para a crítica da economia política”), sobre os quais o autor se dedica em seu livro, equivale ao item “O curso do dinheiro” do “Capítulo do Dinheiro”.³

Como os capítulos em destaque tratam de um mesmo tema geral, optamos por reuni-los em um só texto, subdividindo-o em itens correspondentes a cada uma das funções do dinheiro identificadas por Karl Marx.

A) O dinheiro como medida do valor [e como padrão de preços, digo eu]

Roman Rosdolsky inicia o sexto capítulo com a observação preliminar sobre um conceito utilizado por Marx na investigação das **determinações⁴ formais do dinheiro**, mas não só aí: o conceito de **“forma funcional de existência”** (grifo nosso).⁵

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.

3 Verificamos que no decorrer dos capítulos Roman Rosdolsky não se atém apenas aos manuscritos *Grundrisse* para tratar das funções do dinheiro em Marx, utilizando-os em poucas passagens. Em nosso texto, buscaremos, na medida do possível, mencionar qual a obra que o autor de *Gênese* lança mão para abordar o assunto em pauta. Quando não fizermos tal menção é porque o autor está se embasando nos próprios *Grundrisse*.

4 De pronto, cabe apresentar as considerações que a professora Leda Paulani faz sobre o termo “determinações” no sentido empregado por Marx em sua investigação. Ao tratar das *determinações do dinheiro*, diz ela, Marx não está se referindo às “características”, “papéis” ou “finalidades” do dinheiro. Nesse sentido, Paulani realiza uma diferenciação entre essas expressões e o termo “determinação” presente nos manuscritos *Grundrisse*, muito embora, conforme noticia, em *O capital*, no capítulo três do Livro I (*O processo de produção do capital*), Marx lance mão em alguns momentos daqueles outros vocábulos. A professora Leda explica que determinadas características de um objeto (cor, forma etc), e também o papel que exerce ou a finalidade que cumpre em dado contexto temporal ou espacial, não o faz ser diferente de outro da mesma natureza. Um “copo”, por exemplo, será sempre copo, independente das suas características (de ser de vidro ou de alumínio, azul ou transparente, ter uma forma x ou y etc.). Portanto, “as características [e também papéis ou finalidades, digo eu] de um objeto são acidentais, as suas determinações não são acidentais”. As determinações “são necessárias, se colocam [sic] como elementos necessários na definição do que é aquele objeto ou para a percepção correta do que é aquele objeto” (*in* PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Coletivo Arroz Feijão e Economia. 2021. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs (videoaula, minutagem: 37m56s-39m49s). Visto em 05.05.2022). De acordo com o professor José Paulo Netto (*in* NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/porta1/docs/int-metodo-teoria-social.html>. Consultado em 05.05.2022), “determinações são traços pertinentes aos elementos constitutivos da realidade [ou de um objeto ou de um fenômeno, digo eu]; nas palavras de um analista, para Marx, a determinação é um ‘momento essencial constitutivo do objeto’ (DUSSEL, 1985, p. 32)” (grifo nosso).

5 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 123 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

Segundo Rosdolsky, “vez por outra” Marx fala de “**‘formas funcionais’** (ou **formas ‘funcional e conceitualmente determinadas’**) **de existência [...]**” (grifo nosso), de **determinações formais**, que as relações econômicas assumem e “nas quais se expressa o **percurso dialético de evolução**” das categorias nelas presentes (grifo nosso)⁶.

Reportando a uma dessas vezes, o autor de *Gênese* faz referência à análise marxiana das “condições econômicas de existência das três grandes classes em que a sociedade burguesa moderna [ou capitalista, digo eu] se divide”: os trabalhadores assalariados, os capitalistas e os proprietários fundiários.⁷

Ao verificar o que determina a diferenciação de classes da sociedade burguesa, ou “o que faz com que trabalhadores assalariados, capitalistas e proprietários fundiários sejam as três grandes classes sociais” dessa organização socioeconômica, Marx concluiu afirmando que são “suas funções no processo de produção”. Com isso detecta a existência de “classes sociais com funções econômicas”.⁸

Fazendo remissão a essa análise, vinculando-a ao método que o filósofo alemão utiliza para o exame das categorias dinheiro e capital, temos que lá e cá Marx cuida de investigar o percurso dialético evolutivo das categorias presentes nas relações econômicas que investiga, conforme mencionamos supra.

Finalizando sua observação preliminar, Roman Rosdolsky reproduz o que expõe um “crítico burguês” de Marx, Herbert Block, especificamente em relação às funções do dinheiro: “A clara separação dessas funções e da substância do dinheiro [“o valor social”⁹, esclarece Rosdolsky], assim como das diferentes funções do dinheiro em si [que “[...] coexistem separadas e em igualdade de tratamento”, continua H. Block, o que aponta para a “estreita vinculação genética das funções e sua interpenetração”, observa Rosdolsky] é uma característica relevante da teoria de Marx sobre o dinheiro”.¹⁰

6 Ainda de acordo com Rosdolsky, conforme obra e página referenciadas na Nota anterior, “Marx preocupa-se, antes de tudo, em captar as determinações formais das relações econômicas”. Para o filósofo alemão, segundo Roman Rosdolsky, “o que uma forma econômica efetivamente representa depende da função que lhe cabe e na qual se baseia”. Perceba a noção de movimento e de superação que Marx atribui às relações econômicas e respectivas categorias ao falar de “percurso dialético” da evolução das formas de existência dessas relações e suas categorias.

7 Ibidem, p. 123 c/c p. 513 Nota 2.

8 Sobre o assunto versamos no [Folheto nº 02](#) (“Capítulo 2 – A estrutura da obra [*O capital*] de Marx”) deste artigo expositivo.

9 O “valor social” do dinheiro, para Marx, corresponde ao trabalho social ou trabalho humano geral ou trabalho abstrato. No Folheto nº 02 do presente artigo expositivo de *Gênese*, quando abordamos o “[Capítulo 3](#) – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”, tratamos da definição de trabalho abstrato, bem assim da distinção com o trabalho concreto (privado ou individual).

10 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 123. Continua H. Block, conforme a obra e página referenciadas: em polo oposto a Marx, outros teóricos “[...] Convertem a função em núcleo do conceito. Marx, ao contrário, diferencia claramente a essência [substância, digo eu] do dinheiro, de um lado, e os serviços [funções, digo eu novamente] que ele, por suas peculiaridades, é capaz de prestar [ou exercer, no caso de se falar em funções, acrescento]”. Aliás, o que Block observa se pode verificar da própria divisão do “Capítulo do Dinheiro” dos *Grundrisse*, onde se encontra, em itens distintos, primeiramente a abordagem da gênese e essência do dinheiro, e só depois, no item “O curso do dinheiro”, as suas funções ou determinações.

Dito isso, Roman Rosdolsky finalmente adentra ao exame da função do dinheiro como medida do valor das mercadorias. É sobre isso que versaremos de agora em diante.

De primeira, o autor expõe o que Marx escreveu posteriormente aos manuscritos *Grundrisse*, na obra *Contribuição à crítica da economia política* (1859), sobre a origem do dinheiro: “A principal dificuldade na análise do dinheiro é superada logo que se compreende que sua **origem** [do dinheiro, N.T.] é a própria **mercadoria**” (grifo nosso). Partindo de tal premissa, o autor de *Gênese* sustenta ser possível “compreender claramente as determinações formais” que são peculiares ao dinheiro. Entretanto, continua ele, o fato de todas as relações burguesas aparecerem “douradas ou prateadas [referindo-se à mercadoria-dinheiro ouro e prata da época, digo eu], ou seja, aparecerem como relações monetárias”, faz parecer que a “forma-dinheiro” adquiriu um “conteúdo infinitamente variado, que é estranho a ela [à mercadoria, sua origem, digo eu novamente]”¹¹. Nesse sentido, o dinheiro se confunde enganosamente com o material monetário, como se fosse desvinculado da sua origem na mercadoria, da qual é medida do respectivo valor. Isso, de certa forma, segundo Rosdolsky, dificulta a compreensão da origem do dinheiro, e, por conseguinte, das suas determinações formais.¹²

Surgida da origem do dinheiro, que remete à mercadoria e ao processo de intercâmbio, a primeira determinação formal do dinheiro, “– primeira porque surge diretamente do processo de formação do dinheiro –”, explica Roman Rosdolsky, é sua função como “**medida do valor**” (grifo nosso), como **medida do valor das demais mercadorias**.

Em uma passagem d’*O capital*, que Roman Rosdolsky transcreveu em *Gênese*, Marx ensina: “O dinheiro é um cristal que se forma espontaneamente no processo de intercâmbio [no mercado, digo eu], no qual se igualam os diversos produtos do trabalho, que assim se transformam de fato em mercadorias”¹³.

11 Faz-se oportuno trazer à tona o esclarecimento de Rosdolsky quanto ao uso do *ouro* como a mercadoria monetária da investigação marxiana sobre o dinheiro: “Tanto na *Contribuição à crítica* como em *O capital*, Marx pressupõe que o ouro é a mercadoria monetária ‘para simplificar’” (Idem, p. 514 Nota 24) (grifo nosso). A análise das funções do dinheiro apresentada no presente texto também está concentrada na utilização do material monetário ouro como mercadoria-dinheiro. Realmente não encontramos nas páginas de *Gênese* ora em comentário nenhuma menção às determinações ou função do dinheiro que contemple o *dinheiro fidúcia*, que substituiu, oficialmente, a partir de 1971, o padrão monetário ouro (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>. Consultado em 05.05.2022). Para um contato, ainda que breve, com a história dos sistemas monetários e da instituição do ouro e prata como dinheiro, consulte o site referenciado supra.

12 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 124 (Idem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

13 Significa dizer que os produtos derivados do trabalho humano só se tornam mercadorias quando submetidos à troca (ao intercâmbio). Entretanto, essa determinação só se faz presente em uma economia baseada essencialmente na troca, como a capitalista, e não nas economias pré-capitalistas (onde o intercâmbio de mercadorias ainda não constitui a base material delas e o dinheiro ainda não se constitui medida do valor, pois ali se trocam apenas a produção excedente). Conforme mencionado alhures, a investigação sobre o dinheiro em Marx é o exame do dinheiro do modo de produção capitalista. Relembrando o que disse a professora Leda Paulani (in PAULANI, Leda Maria. *O dinheiro e o capital portador de juros em Marx*. Op. cit. (videoaula, minutagem: 12m15s-12m34s). Visto em 25.02.2022), Marx estuda as relações de trocas e, por conseguinte, o dinheiro, no âmbito do *mundo capitalista*. Muito embora tenham existido eventuais relações de trocas e algum tipo de dinheiro em “outros arranjos sociais de produção material da vida”, as relações de troca e, sobretudo, o dinheiro de então, “não comandavam a vida material” daquelas sociedades. Tal fenômeno só vem a ocorrer no âmbito da sociedade burguesa, no âmbito do modo de produção capitalista.

Ainda de *O capital*, Roman reproduz um pouco mais do filósofo alemão sobre a formação do dinheiro: “Ao longo da história”, e isso aprendemos no Folheto nº 04 (quando versamos sobre o capítulo cinco de *Gênese*, “A transição do valor ao dinheiro”), “a expansão e o aprofundamento do intercâmbio desenvolvem a oposição, latente na natureza da mercadoria, entre valor de uso e valor [ou valor econômico ou intrínseco ou mercantil da mercadoria, digo eu¹⁴], o que exige, a fim de que o intercâmbio de mercadorias se realize, que “o valor mercantil [‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu novamente] ganhe uma **forma autônoma** [a **forma de terceira mercadoria, o dinheiro**, digo eu mais uma vez]” (grifo nosso). O valor mercantil “não repousa nem se fixa até que alcance definitivamente essa forma [autônoma, acrescento] pelo *desdobramento da mercadoria em mercadoria e dinheiro*” (grifo do autor).

Quando isso acontece, segundo Rosdolsky, passa a ser desnecessário “que o valor de cada mercadoria se expresse [...] por uma série interminável de equações de valor [...]”, tais como x mercadoria A = y mercadoria B; x mercadoria C = y mercadoria D (ou 20 varas de linho = 1 casaco; 1 pão = uma medida de azeite (para ficar nos exemplos utilizados por Marx)), e assim por diante, “como ocorria no intercâmbio direto de produtos”, segundo estágio da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias (estágio da troca primitiva), conforme identificamos no referido Folheto nº 04.

Doravante, “[...] uma só equação [x mercadoria A ou B ou C = y mercadoria dinheiro, digo eu] basta para representar esse valor de maneira socialmente válida”. Visto, segundo Marx, que o dinheiro foi colocado na condição de valor de troca (no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou mercantil ou intrínseco) “separado e independente em relação às mercadorias”, estas “são colocadas como algo particular diante do dinheiro, que se contrapõe a elas como sujeito”.

Karl Marx prossegue: “Pelo fato de terem sido [as mercadorias, digo eu] **equiparadas** ao dinheiro, elas são colocadas novamente em relação umas com as outras, como exige o próprio conceito de valor de troca”, estabelecendo “correspondências e comparações entre si, em proporções determinadas” (grifo nosso)¹⁵.

Diferentemente do que ocorria no estágio da troca primitiva ou do intercâmbio direto de produtos, vislumbramos do exposto até aqui que, na condição de valor, as mercadorias podem e devem ser convertidas em dinheiro, e assim Marx ensinou: “O dinheiro, ‘é o material universal em que [“as mercadorias”, intervém Rosdolsky] devem ser convertidas”’. As mercadorias convertidas em dinheiro, referindo-se, Marx, ao dinheiro ouro e prata, “[...] devem ser douradas e prateadas para alcançar sua livre

14 Como vimos no Folheto nº 02, especificamente no “[Capítulo 3](#) – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”, onde tratamos da definição marxiana de mercadoria e da distinção entre as suas três dimensões – valor de uso, valor de troca e “valor” –, em Marx o “valor” (ou valor econômico ou mercantil ou intrínseco) da mercadoria corresponde ao *trabalho humano socialmente necessário* para produzi-la, ao *trabalho abstrato*, o que é completamente distinto do valor de uso (que diz respeito à utilidade do bem/serviço) e especialmente do valor de troca das mercadorias (que se refere apenas ao operador numérico que expressa a equivalência quantitativa de uma mercadoria em relação a outra, como verificamos nas equações 20 varas de linho = 1 casaco e x mercadoria A = y dinheiro, onde o algarismo 20, o algarismo 1 e as variáveis x e y funcionam como operadores quantitativos e expressam os valores de troca propriamente ditos das mercadorias respectivas).

15 A autonomia do valor mercantil das mercadorias em face delas próprias, transformou esse valor numa terceira mercadoria, o dinheiro, permitindo a mencionada equiparação das mercadorias ao dinheiro.

existência como valores de troca [...] [no sentido de ‘valor’, de valor econômico ou mercantil ou intrínseco, digo eu]. **O valor de troca específico** [idem], **a mercadoria, é expressa, subsumida, submetida ao valor de troca** [ibidem] **que se tornou autônomo, ou seja, o dinheiro**” (grifo nosso).

Porém, o processo de formação do dinheiro de onde deriva a sua primeira determinação – o dinheiro como medida do valor – não para por aí. Quando se trata do dinheiro como medida do valor é preciso ter sempre em mente a “**lei geral do valor**”, assentada na construção teórica marxiana do **valor-trabalho**, conforme dispõe Roman Rosdolsky: “[...] como todas as mercadorias, inclusive o dinheiro, contêm **trabalho humano objetivado** [trabalho abstrato, digo eu], o valor de uma mercadoria cuja fabricação custou, digamos, um dia de trabalho se expressa em uma quantidade de ouro ou de prata que também contém um dia de trabalho”.¹⁶

Na condição de **valor**, como **todas** as mercadorias são consideradas “**trabalho humano objetivado** [trabalho abstrato, digo eu]” (grifo nosso), única categoria que se faz **comum** entre as mercadorias, esta determinação inerente às mercadorias, que as fazem “**comensuráveis entre si**” (grifo nosso), permite que seus valores possam ser “medidos coletivamente em uma mesma mercadoria especial”, em uma terceira mercadoria. “Esta se converte em **medida comum do valor** [em equivalente geral, digo eu], ou seja, **dinheiro**” (grifo nosso).

Desse modo, conforme nos ensina Roman Rosdolsky, apoiando-se em Marx, “o dinheiro atua como **denominador universal**, como **medida de valores**, como ‘o material em que o valor das mercadorias se expressa socialmente’”. O dinheiro, assim, crava Marx, “*é a forma necessária de manifestação da medida de valor imanente às mercadorias: o tempo de trabalho*” (grifo do autor em itálico, grifo nosso em negrito) – a forma necessária de manifestação da medida do tempo de trabalho abstrato socialmente necessário objetivado nas mercadorias¹⁷.

A par do exposto, até se pode entender, à primeira vista, que no processo de circulação das mercadorias é o dinheiro que torna as mercadorias comensuráveis (que têm ou admitem medida comum). Mas ocorre o contrário, assinala Rosdolsky. No processo de intercâmbio de mercadorias, o dinheiro não é essa medida comum, não é ele que, tornando coisas diferentes iguais, permite o intercâmbio, que mercadorias qualitativamente distintas (valores de uso diferentes) sejam intercambiadas. Como vimos, é o “valor”, o valor econômico, intrínseco ou mercantil imanente às mercadorias – **o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário** – que realiza essa proeza. O dinheiro, de modo não menos importante, peça chave que é do modo de produção capitalista, apresenta-se, como nos revela a professora Leda Paulani, na situação de “**veículo de expressão do valor das mercadorias**” (grifo nosso)¹⁸, nada mais que isso,

16 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 125 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes). Os conteúdos dos parágrafos em Nota foram extraídos por Rosdolsky d’*O capital* e de *Contribuição à crítica da economia política*.

17 De que maneira ou como se mede o “valor” (ou valor econômico ou intrínseco das mercadorias, ou, ainda, valor mercantil) veremos no decorrer da nossa expedição, em momento específico.

18 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula,

embora seja imprescindível para a engrenagem e funcionamento de uma economia baseada na troca, como é a economia capitalista, onde o intercâmbio de mercadorias constitui a base material da sociedade que dela se forja, a sociedade burguesa. Fundamental a fixação desse conceito para a compreensão da formação do dinheiro do modo de produção capitalista.

De acordo com o que ensina Paulani, historicamente, no modo de produção capitalista, o ouro, sobretudo, assume a condição de equivalente geral, de “veículo de expressão do valor das mercadorias”, a condição de dinheiro, passando a ser “unidade de medida do valor de todas as demais mercadorias”. Contudo, assim como as demais mercadorias, o valor da mercadoria ouro (o valor da mercadoria-dinheiro da época) também é determinado pelo tempo de trabalho objetivado na sua produção, na produção de uma unidade de ouro (1 libra de ouro¹⁹, por exemplo), fração esta que passa a ser “a unidade de medida do valor de todas as demais mercadorias”. O tempo de trabalho de produção da unidade de ouro, portanto, passa a ser a medida do valor do universo das mercadorias.

Conforme Leda Paulani, “todas as demais mercadorias vão dizer o seu valor em ouro”, mais precisamente em frações de ouro, ou seja, com base no tempo de trabalho abstrato objetivado nessas frações, ou melhor, no tempo de trabalho objetivado na produção de uma unidade de ouro. E assim se pode dizer que “tal mercadoria vale 2 libras de ouro, outra 0,7 libras de ouro, outra tal 30 libras de ouro [...] e por aí vai”. Como equivalente geral, como dinheiro, o ouro se torna “veículo de expressão do valor das mercadorias”. Quando o ouro se torna **equivalente geral**, portanto, **dinheiro**, ele passa a ser “**medida do valor**” das demais mercadorias.

Na situação de veículo de expressão do valor das mercadorias, na situação de equivalente geral, “o ouro aparece na forma apenas **ideal**” (grifo nosso), ou seja, quando o valor de uma mercadoria é expresso em uma fração de peso do ouro, em 1 libra de ouro, por exemplo, “não se faz necessário” que o material ouro (1 libra de ouro) “esteja presente para que se possa dizer que aquela coisa vale uma libra de ouro”, basta que o ouro já tenha socialmente ou convencionalmente “assumido o papel de dinheiro”, de equivalente geral. Uma vez “funcionando” como dinheiro, pode-se dizer “o valor de qualquer coisa em ouro independentemente de ele estar presente no ato ou não”.²⁰

Conforme prossegue a professora Leda, “A partir do uso continuado do ouro como equivalente geral, frações de peso do ouro ganham nomes próprios e passam a circular em determinados territórios”. A isso Marx chama de “**padrão dos preços**” (grifo nosso). “Os preços não são ditos ou expressos em ouro. No caso da Inglaterra, berço do capitalismo, os preços das mercadorias são expressos em libras”, por exemplo, e esse

minutagem: 39m51s-41m53s). Visto em 09.05.2022 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

19 “Libra”, assim como “onça”, é uma unidade de medida, mais especificamente uma unidade de massa (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)). Visto em 09.05.2022). No caso, a libra ouro, através de um *padrão de preços* instituído pelo Estado “é o nome que se dá à determinada fração de peso do ouro” (in PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 43m48s-44m00s). Visto em 09.05.2022). No Reino Unido o termo libra dá nome à sua moeda oficial: [Libra ou Libra esterlina](#).

20 Idem (videoaula, minutagem: 41m45s-42m42s). Visto em 09.05.2022.

procedimento fixado pelo Estado cria **convencionalmente** um **padrão de preços**.²¹

Nesse ponto da apreciação da determinação do dinheiro como medida do valor, percebemos como presentes dois aspectos que derivam da função do dinheiro como medida do valor: o processo de formação dos preços e a indicação da segunda determinação do dinheiro – o dinheiro como meio de circulação. Através do padrão dos preços, que está relacionado com o aval político do Estado à adoção de um determinado sistema monetário, o dinheiro na forma de equivalente geral se transmuta na forma moeda, que, por sua vez, possibilita a realização efetiva do intercâmbio das mercadorias. Sobre a formação dos preços examinaremos a seguir, sobre a segunda determinação do dinheiro versaremos no próximo item.

Voltamos com *Gênese*: “Como os preços só representam quantidades ideais de ouro, não é necessário dispor realmente de dinheiro [do ouro, no caso, digo eu] para fixá-los”. Marx explica: “A transformação ideal das mercadorias em dinheiro é *prima facie* [à primeira vista, digo eu novamente] independente e não limitada pela massa de dinheiro real”. Para esta finalidade, para o fim de transformar idealmente a mercadoria em dinheiro, prossegue Marx: “o dinheiro é necessário apenas como categoria, como relação pensada”. Porém, na condição de valor não pode ser uma categoria imaginária, “uma medida de valor imaginária”. Não pode ser, como medida de valor, separado da determinação do valor, do tempo de trabalho abstrato objetivado nele (no ouro, na condição de mercadoria-dinheiro).²²

Nesta altura, vemos como colocada uma questão fundamental da análise marxiana das determinações do dinheiro: a questão da “**não identidade entre preço e valor**” (grifo nosso).²³

Replicando um parágrafo dos *Grundrisse*, o autor de *Gênese* mergulha na análise dessa problemática, que já tinha iniciado anteriormente, conforme vimos nos Folhetos nº 03 e 04: “O valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou mercantil ou intrínseco, digo eu] *colocado sob a determinação do dinheiro é o preço*. [...] No preço, o dinheiro se apresenta em primeiro lugar como a unidade de todos os valores de troca [como magnitude do valor, digo eu²⁴]; em seguida, como unidade na qual esses valores são quantificados [como fração do peso do ouro, x libra de ouro, por exemplo,

21 Ibidem (videoaula, minutagem: 43m01s-44m04s). Visto em 09.05.2022. Esse lado convencional, que não está presente na determinação do dinheiro como medida do valor mas decorre dele, se faz presente pelo Estado e se expressa através de um *padrão de preços* estabelecido, o qual determina a *forma moeda* do dinheiro, ou seja, estabelece, por exemplo, que uma fração x do dinheiro-ouro sob um nome y circulará como moeda, como é o caso da libra inglesa (Ibidem (videoaula, minutagem: 44m05s-44m45s e 43m01s-44m04s). Visto em 09.05.2022).

22 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 126. Para que o dinheiro desempenhe a função de medida do valor, diz Marx, “sua substância material [ouro, no caso, digo eu] é essencial, embora sua presença, e mais precisamente sua quantidade – ou seja, o número de vezes em que está presente a porção de ouro ou de prata que serve de unidade – seja totalmente irrelevante nesta determinação, sendo usada em geral apenas como unidade imaginária [“materialmente”, intervém Rosdolsky] não existente”. Ora, se a presença da substância material do dinheiro não é essencial, por que então sua existência é necessária? A substância material do dinheiro é necessária, como que responde Roman Rosdolsky, porque “só uma mercadoria real, um produto do trabalho [humano, digo eu], pode operar como medida do valor”. E pode operar como medida do valor, ensina Marx, “só porque é tempo de trabalho [abstrato] materializado em uma determinada substância [ouro, no caso, digo eu]; por isso ele mesmo é *valor* [...]” (grifo do autor) (Idem, p. 127).

23 Ibidem, p. 125. Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes.

24 Da magnitude do valor da mercadoria tratamos no item 5.1.2. do [Folheto nº 04](#) para onde remetemos o leitor.

digo eu]; por serem igualados ao dinheiro, eles [os valores de troca, no sentido de valores das mercadorias, digo eu novamente] podem expressar sua relação quantitativa recíproca [qual seja, tal mercadoria vale x libra de ouro, outra vale y e assim por diante, digo eu mais uma vez]" (grifo do autor).

Visto que uma das determinações do dinheiro é ser medida do valor (ser medida do tempo de trabalho abstrato objetivado na própria mercadoria-dinheiro), ser medida do valor pressupõe que as mercadorias (todas as mercadorias) sejam valores (tempo de trabalho abstrato, frisamos), por assim ser, essa medida, restringe Marx, "só diz respeito à apresentação e à magnitude do valor [...], à transformação dos valores em preço"²⁵. Simplificando: dinheiro **é medida; não é valor, é medida do valor**. Valor é o **tempo de trabalho abstrato objetivado** na mercadoria. Preço é a **expressão quantitativa** (monetária) **do valor medido pelo dinheiro**, ou, se preferir, a **expressão em dinheiro do valor**.

Reportando-nos ao que ensinou Leda Paulani, quando se referiu ao dinheiro-ouro como veículo de expressão do valor das mercadorias, como equivalente geral de troca, vimos que esse dinheiro-ouro apenas aparece na forma ideal, ou seja, o valor de uma mercadoria é expresso em uma fração de peso do ouro, em 1 libra de ouro, para ficarmos com o parâmetro utilizado por Paulani em sua análise.

O aparecimento do dinheiro na forma ideal expressa a transformação dos valores das mercadorias em preço. Nesse sentido, assinala Roman Rosdolsky: "Nos preços, as mercadorias só estão transformadas em dinheiro de modo ideal [exemplo: mercadoria A vale 1 libra de ouro]"²⁶.

Continua ele: na condição de valor, "[...]. O desdobramento da mercadoria em mercadoria e dinheiro, a formação do dinheiro, não significa que a mercadoria como tal tenha sido convertida em dinheiro, ou que graças à atribuição de um preço ela passa a participar do intercâmbio geral". Nada disso. Como vimos alhures, as mercadorias ingressam no intercâmbio, segundo Marx, "sob a forma de valores de uso [em função de sua utilidade, digo eu]". Somente "quando são vendidas elas se convertem de fato no equivalente geral [no dinheiro, digo eu novamente]. A determinação de seu preço é sua transformação ideal no equivalente geral; é uma equiparação com o ouro, mas que ainda não foi realizada [concretizada no intercâmbio real, digo eu]"²⁷.

Para ilustrar o afirmado, Roman Rosdolsky nos traz, reproduzindo Marx, que na condição de valor, "A mercadoria, por exemplo o ferro, tem 'no preço uma **aparência ideal de valor** ou uma **aparência representada em ouro**'; mas, naturalmente, ela [a mercadoria ferro, digo eu] não pode 'ser ao mesmo tempo ferro real e ouro também real'. Por isso, "[...]. Para **fixar** seu preço [da mercadoria ferro, frisamos], basta **representá-la** em ouro" (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso). Todavia, no intercâmbio real, e não mais na condição de valor, deve-se trocar a mercadoria (ferro) por esse metal que

25 O conteúdo do parágrafo em Nota foi extraído por Rosdolsky da obra *Teorias da mais-valia*.

26 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 125 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

27 A transcrição do assentado por Marx no parágrafo em Nota foi extraída por Rosdolsky de *Contribuição à crítica da economia política*.

funciona como dinheiro (no caso, o ouro) para que a mercadoria (ferro) “preste ao seu possuidor [ao possuidor do dinheiro ouro] o serviço de equivalente geral [possa ser trocado sempre e em qualquer lugar por uma única e mesma mercadoria, o dinheiro]”.²⁸

No intercâmbio real, continua Marx “o preço tanto pode expressar ‘a magnitude do valor da mercadoria [tempo de trabalho abstrato objetivado nela], como [“pode expressar”, intervém Rosdolsky] a maior ou menor quantidade de dinheiro pela qual ela pode ser vendida em determinada circunstância”. Em nossas palavras: no intercâmbio real, o preço pode expressar o tempo de trabalho abstrato objetivado na mercadoria intercambiada como também a maior ou menor quantidade de dinheiro de acordo com dada circunstância (oferta e demanda, inflação, aumento ou diminuição da produtividade etc.). Assim, de acordo com Marx, “*na própria forma do preço está implícita a possibilidade de uma incongruência quantitativa, de uma divergência, entre o preço e a magnitude do valor* (grifo do autor)” – entre valor de mercado (preço) e valor real da mercadoria (valor econômico ou intrínseco ou mercantil), respectivamente.

Ao contrário do valor da mercadoria que tem como substância o trabalho abstrato, que é o valor econômico ou intrínseco ou mercantil da mercadoria, como vimos, o preço aparece, revela Marx, “como uma **relação externa** dos valores de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu], ou [das] mercadorias, com o dinheiro”. Na condição “de substância social”, de trabalho abstrato, “a mercadoria **é valor de troca** [idem], **mas não é preço**” – a condição de ser preço “não coincide imediatamente” com a mercadoria, “depende da mediação que se faz por meio de sua equiparação com o dinheiro” –; “a mercadoria **é valor de troca** [ibidem], **mas tem um preço** [quantidade determinada da unidade que o quantifica – 30 libras de ouro, por exemplo] (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).²⁹

Caminhando para o final deste item, inferimos de *Gênese* que a mercadoria-dinheiro possui duas determinações formais de existência: como **medida do valor** e como **padrão de preços** das mercadorias. Ou, de acordo com a precisão de Rosdolsky, “a mercadoria-dinheiro se transforma de medida do valor em padrão de preços³⁰. Duas funções totalmente diferentes”, pois, o dinheiro, como medida do valor, descreve Marx, é “encarnação social do trabalho humano [do trabalho abstrato objetivado na produção dele próprio]”, e serve “[...] para transformar em preços, em quantidades imaginadas de ouro, os valores das variadíssimas mercadorias [que por sua vez também é encarnação social do trabalho humano abstrato]”; como medida ou padrão de preços,

28 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 126 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte). O conteúdo dos parágrafos em Nota foi extraído por Rosdolsky de *O capital*.

29 Ibidem, p. 125.

30 Na condição de preços, “os valores das mercadorias estão transformados em diferentes quantidades imaginárias de ouro. ‘Como tais, essas diferentes quantidades de ouro se comparam e se medem entre si. Aparece assim a necessidade técnica de vinculá-las a uma quantidade fixa de ouro que sirva de unidade de medida’. Essa unidade de medida, dividindo-se posteriormente em partes alíquotas, continua a se desenvolver até tornar-se um “padrão de medida”. Nesse passo, “a mercadoria-dinheiro se transforma de medida do valor em padrão de preços” (Ibidem, p. 128). De acordo com a obra e página referenciadas nesta Nota, em relação à função do dinheiro como padrão dos preços, ou “padrão de medida dos preços”, Rosdolsky anota que tal determinação só aparece insinuada nos manuscritos *Grundrisse*. Como verificamos nas notas que compõem essa parte específica de *Gênese*, o disposto no restante do parágrafo em destaque foi extraído de *O capital*.

a partir da fixação de determinado peso em ouro como unidade de medida, é “quantidade de metal com peso fixo [libra de ouro, por exemplo, digo eu]” e serve para medir “tais quantidades de ouro [...]”.³¹

Resumindo o exposto neste item: **Valor** (ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria ou valor mercantil): é o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário para produzir a mercadoria. **Dinheiro**: é uma forma geral ou expressão geral do valor comum a todas as mercadorias; não é valor, é medida do valor. **Preço**: é a expressão quantitativa (monetária) do valor medido pelo dinheiro, ou, se preferir, a expressão em dinheiro do valor. Numa hipótese, duas mercadorias, qualitativamente diferentes, podem possuir o mesmo valor, por terem sido produzidas em um mesmo tempo de trabalho abstrato socialmente considerado, mas não necessariamente o mesmo preço, que é (também) influenciado por fatores externos à mercadoria: oferta e demanda de cada uma, inflação, produtividade etc.

Isso posto, concluído o exame da primeira determinação do dinheiro e também do processo de formação dos preços, o autor de “Gênese e estrutura de *O capital*”, anuncia que no capítulo sete (correspondente no presente Folheto ao item B (“O dinheiro como meio de circulação”)) veremos “como se comporta o dinheiro no intercâmbio real de mercadorias, e se as propriedades que adquire dentro desse intercâmbio não entram em contradição” com as que aqui conhecemos.³²

Por fim, com vistas sempre ao melhor proveito do exposto, sugerimos rever o material complementar do Folheto nº 04, a videoaula “Dinheiro e o capital portador dos juros em Marx”, ministrada pela professora Leda Paulani, especificamente a parte da sua exposição em que trata da determinação do dinheiro abordada neste item, conforme referenciamos na Nota abaixo.³³

B) O dinheiro como meio de circulação [o dinheiro na forma moeda, digo eu]

Iniciamos o exame da segunda determinação do dinheiro com o que afirmou Roman Rosdolsky na conclusão da sua análise da determinação do dinheiro como medida do valor: “Tratamos até aqui do processo de formação dos preços, que inaugura a

31 Ibidem, p. 128 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Para a determinação do dinheiro como padrão de preços é necessário fixar determinado peso em ouro como unidade de medida (exemplo, 1 libra de ouro equivale a 1/116 onças de ouro (Ibidem, p. 126)). Por outro lado, em relação à determinação do dinheiro como medida do valor, o dinheiro só pode desempenhar essa função porque “ele mesmo é produto do trabalho [trabalho humano abstrato], sendo, portanto, potencialmente, um valor variável” (Ibidem, p. 128).

Muito embora Marx considere em sua análise o ouro como a mercadoria-dinheiro base, a prata também funcionou simultaneamente como medida do valor, ocorrendo a situação de *duplo padrão monetário*. Fazendo de passagem uma referência a esse problema, Roman Rosdolsky reporta-se ao que Karl Marx dispôs em *O capital* (sendo que, conforme o próprio Rosdolsky, os manuscritos *Grundrisse* não trataram do problema do duplo padrão monetário “nesse contexto” (Ibidem, p. 514 Nota 22)): “Se duas mercadorias distintas – por exemplo, o ouro e a prata – servem simultaneamente como medida de valor, todas as mercadorias terão duas diferentes expressões de preços – preços em ouro e preços em prata –, que coexistirão sem sobressaltos enquanto a relação entre o ouro e a prata se mantiver inalterada [por exemplo: “valor da prata = 1/15 do valor do ouro”] [...]. Porém, qualquer alteração nesta relação de valor perturbará a proporção entre os preços das mercadorias expressos em ouro e em prata, demonstrando-se assim que, na realidade, a função de medida do valor é incompatível com tal duplicação” (Ibidem, p. 127).

32 Ibidem, p. 128.

33 Videoaula **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**, minutagem: [36m38s-48m25s](#) (in PAULANI, Leda. Op. cit. Visto em 12.05.2022).

circulação das mercadorias (‘inaugura’ no sentido de que toda circulação de mercadorias pressupõe a existência de valores de troca [no significado de ‘valor’ ou valor econômico ou mercantil ou intrínseco, digo eu] em que os preços são fixados)”.³⁴

Resgatemos também o que crava a professora Leda Paulani sobre o processo de circulação das mercadorias: “O que comanda o processo de circulação [...] é o fato de que a mercadoria sempre é um **não valor de uso para quem a possui**; pois se fosse valor de uso para o possuidor ele não a vendia ou não a trocava, não a colocava na esfera do mercado” (grifo nosso). Na **circulação** “a mercadoria é sempre um **não valor de uso** [não utilidade, digo eu] **para quem a possui** e **valor de uso** [utilidade, digo eu novamente] **para quem não a possui**” (grifo nosso). As mercadorias, portanto, têm “uma necessidade imanente, a **necessidade de circular**, de **mudar de mãos** [...], é o que Marx chama de ‘salto-mortal’ da mercadoria. [...] A mercadoria só se realiza se ela realiza o seu valor, se for vendida [...]” (grifo nosso).³⁵

Na abertura do capítulo sete de *Gênese*, Roman Rosdolsky detecta que o processo de circulação de mercadorias apresenta dois aspectos distintos, “embora estreitamente vinculados”, pondera. O primeiro, reportando-se a Marx, diz respeito ao fato de que a circulação, “Na medida em que transfere ‘mercadorias de agentes para os quais elas são não valores de uso a agentes para os quais elas são valores de uso’, ela [a circulação de mercadorias, digo eu] é apenas a ‘**apropriação de algo natural** para satisfazer necessidades humanas’, **um metabolismo social**” (grifo nosso).³⁶

O segundo aspecto refere-se ao fato de que, como “a substituição de valores de uso [o intercâmbio de mercadorias, digo eu] é feita por intercâmbio privado, **intermediado pelo dinheiro**, e as relações das mercadorias entre si estão cristalizadas como diferentes determinações do dinheiro [pelo valor e preço, digo eu], o intercâmbio passa a ser ‘ao mesmo tempo a criação de determinadas relações sociais de produção’; é **uma mudança de forma**” (grifo nosso)³⁷.

Conforme Rosdolsky observa, Marx considera em sua investigação apenas este último aspecto, típico das sociedades capitalistas, na medida que estamos a tratar, não

34 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 128.

35 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 50m54s-53m11s). Visto em 12.05.2022.

36 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit. p. 129 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). O disposto no parágrafo em Nota foi extraído por Rosdolsky d’*O capital* e de *Contribuição à crítica da economia política*.

É de se ressaltar que esse primeiro aspecto da circulação identificado por Marx já se fazia presente desde o segundo estágio da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias, o estágio do intercâmbio direto de produtos (ou fase da “troca primitiva”), quando o homem passa a produzir mais do que necessita para o sustento cotidiano, quando seu trabalho lhe proporciona um produto *excedente*, embora o intercâmbio de mercadorias ainda não constituía a base material da economia e o dinheiro ainda não desempenhava a função de medida do valor – as relações de troca e, sobretudo, o “dinheiro” de então, não comandavam a vida material daquelas sociedades.

37 Nesse ponto, referindo-se ao Capítulo 3 de *Gênese* (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”), o autor faz remissão à análise de casos nos quais as relações formais da economia burguesa modificam o valor de uso ou nos quais o valor de uso intervém modificando essas relações formais, conforme registramos nas páginas 35-38 do Folheto nº 02, casos em que também há uma mudança de forma das relações sociais.

Como veremos a seguir, ao contrário do primeiro aspecto do processo de circulação, esse segundo aspecto é típico e exclusivo das economias baseadas na troca, das economias capitalistas. Por conseguinte, o dinheiro que faz a mediação do intercâmbio nesse contexto é uma categoria completamente distinta daquela presente nas sociedades pré-capitalistas, sendo, pois, exclusiva do capitalismo.

esqueçamos disso, do dinheiro do modo de produção capitalista, do dinheiro em uma economia baseada na troca, onde o intercâmbio de mercadorias constitui a sua base material e o dinheiro constitui medida do valor dessas mercadorias³⁸.

Na tentativa de esmiuçar o disposto acima quanto à mudança de forma do intercâmbio no bojo das sociedades capitalistas, com base no que dispusemos no Folheto nº 02 de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, relativo ao Capítulo 3 – *Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política*, e também no item A supra, expomos o seguinte: no contexto do processo da formação do dinheiro, o intercâmbio entre mercadorias (ou entre valores de usos das respectivas mercadorias) deixa de ser realizado diretamente (quando o valor de uso da mercadoria A é trocado pelo valor de uso da mercadoria B, significando que o dono de A necessita de B e o dono de B necessita de A), e passa a ser realizado pela mediação de uma terceira mercadoria, o dinheiro, desse modo esta mercadoria-dinheiro (o ouro, por exemplo), além de ter valor de uso específico como mercadoria específica (o ouro como ouro), passa a ter também valor de uso universal, cumprindo a função de equivalente geral de troca, a função de dinheiro, o que cria novas relações sociais de produção.

Avançando. Em decorrência da identificação dos dois aspectos do processo de circulação de mercadorias mencionados anteriormente, um identificado como metabolismo social, o outro como uma mudança de forma das relações sociais, Roman Rosdolsky constata que “a circulação pode ser entendida como movimento da mercadoria ou movimento do dinheiro”, uma vez que “ambos os elementos [mercadoria e dinheiro, digo eu] estão presentes nela”. E assim diz Marx: “Se eu vendo para comprar [o que implica no movimento da mercadoria, entrego mercadoria e recebo mercadoria, digo eu], posso também comprar para vender [o que corresponde ao movimento do dinheiro, entrego dinheiro e recebo dinheiro, digo eu novamente]”.³⁹

38 O autor de *Gênese*, nessa oportunidade, também chama a atenção para o fato que “nem todo intercâmbio de mercadorias é circulação de mercadorias”, esta pressupõe não só a *existência do mercado*, ou como menciona Marx, “um espaço de intercâmbios, uma totalidade destes, em um fluxo constante que alcança de forma mais ou menos abrangente toda a superfície da sociedade” (aliás, Rosdolsky assinala que Marx tem na circulação “a primeira totalidade entre as categorias econômicas” e também “a primeira forma na qual não só a relação social se apresenta como algo independente dos indivíduos – como ocorre, por exemplo, na peça moeda e no valor de troca –, mas também o conjunto do movimento social” (Ibidem, p. 130 c/c p. 514 Nota 6)), bem assim “pressupõe [...] ‘que as mercadorias entrem no processo de intercâmbio com *preços definidos*’, e que, consequentemente, a *mercadoria equivalente já possua o caráter de dinheiro*” (grifo nosso) (Ibidem, p. 130) (O contido nesta Nota foi extraído por Rosdolsky da obra marxiana *Contribuição crítica da economia política*).

39 Ibidem, p. 129 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Em mais uma reflexão metodológica, Rosdolsky faz uma observação quanto a possibilidade de duas visões sobre a circulação de mercadorias. Uma, no sentido de que a circulação, numa “primeira aproximação”, é percebida “como uma troca de mãos e de posição, que ocorre milhões de vezes, entre mercadoria e dinheiro” – “[...] A mercadoria é trocada por dinheiro; o dinheiro é trocado por mercadoria”, “esta constante renovação do mesmo processo [...] se repete até o infinito” – um *movimento infinito de troca de mãos e de posição entre mercadoria e dinheiro*; outra, quando se observa o processo com maior atenção, percebe-se que “a circulação de mercadorias revela também outros fenômenos, especialmente a *circularidade*, o retorno ao mesmo ponto de partida” (grifo nosso). Reportando-se à primeira, Roman Rosdolsky detecta mais uma influência de Hegel sobre Marx, quando este, numa passagem dos manuscritos *Grundrisse*, referindo-se à percepção de que a troca constante de mãos e posição da mercadoria e do dinheiro se dá infinitamente, admite que “desse ponto de vista” a circulação das mercadorias pode ser considerada “como um processo falsamente infinito” – ao que Rosdolsky acrescenta: “no sentido hegeliano” (Ibidem, p. 129 cc p. 514 Nota 3).

Nesse sentido, Marx também identifica dois ciclos distintos do processo de circulação das mercadorias de maneira geral: o primeiro é apresentado pela fórmula **M-D-M** e o segundo pela fórmula **D-M-D**, onde M é mercadoria e D dinheiro. No primeiro caso, Marx situa que o dinheiro funciona apenas como “o meio para se obter mercadorias, e **as mercadorias são o fim**” (grifo nosso) – aqui estamos diante do **ciclo vender para comprar**, do processo de circulação simples, ou processo de circulação de mercadorias no sentido estrito, se assim podemos chamar para diferenciá-lo do processo de circulação geral (que abarca a circulação de mercadorias e também de capital). No segundo caso, “a mercadoria é apenas o meio para se obter dinheiro, e **o dinheiro é o fim**” (grifo nosso) – nesta hipótese estamos a falar do **ciclo comprar para vender** do processo de circulação que já envolve a transformação do dinheiro em capital.

Nas pegadas de Marx, para o exame da determinação do dinheiro como **meio de circulação**, Rosdolsky concentra a atenção no ciclo **vender para comprar (M-D-M)**, no **processo de circulação simples** ou **circulação de mercadorias estrito senso** (digo eu), reservando o ciclo comprar para vender, que implica relações de produção mais desenvolvidas e complexas, para um outro momento. Nessa linha, formula a seguinte pergunta: “Qual o papel do dinheiro no ciclo M-D-M?”.⁴⁰

Grosso modo, o dinheiro como **meio de circulação das mercadorias** (ou meio de troca) consiste em ser apenas o **meio de se obter mercadorias**. Mas a questão não é tão simplória como pode aparentar. Rosdolsky avança mais um pouco indo ao cerne da questão: “No intercâmbio real de mercadorias, ele [o dinheiro, digo eu] deve, antes de mais nada, **realizar os preços das mercadorias**, atuar como ‘**realizador dos preços**’” (grifo nosso).

Uma vez que o ouro é a mercadoria-dinheiro considerada na análise marxiana do dinheiro, vimos que este metal nobre no momento de sua produção é uma mercadoria como outra qualquer. Entretanto, na condição de equivalente geral, ensina o filósofo alemão, “Seu valor relativo e o das [...] outras mercadorias estão representados nas quantidades em que elas se trocam reciprocamente”⁴¹. Ou seja, agora, “nos preços das mercadorias já está dado o valor do ouro [mercadoria A = y libra de ouro, digo eu para exemplificar]”. Assim, o processo de circulação “pressupõe esta operação”.

Recordemos dos ensinamentos de Marx que “o ouro na condição de simples mercadoria, não é dinheiro, e que as demais mercadorias, através de seus preços, relacionam-se com o ouro como o meio que expressa sua representação em dinheiro”. Portanto, elucida Rosdolsky, “na circulação, as mercadorias **não só se transformam realmente em dinheiro** e se **trocam por dinheiro real**, mas se **realizam como preços** [isto é, só podem ser transferidas para outrem por um determinado preço (x libra de ouro, por exemplo), digo eu]” (grifo nosso).

40 Ibidem, p. 130 (Ibidem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

41 O conteúdo do parágrafo em Nota foi extraído por Rosdolsky da obra marxiana *Contribuição crítica da economia política*.

Portanto, sob as vistas de Roman Rosdolsky, em conformidade com o mencionado nas primeiras linhas deste item B, temos que o processo de formação dos preços “é a **premissa**” do processo de circulação das mercadorias e “**não o resultado**” (grifo nosso).

Na sequência da sua análise da determinação do dinheiro como meio de circulação, Rosdolsky alerta que não se deve desprezar o fato de que além do papel do dinheiro como meio de realização dos preços (que corresponde à parte M-D do processo vender para comprar), “no ciclo M-D-M [no ciclo completo, digo eu], a realização do preço da mercadoria serve sobretudo para facilitar o intercâmbio desta mercadoria por outra [que, por sua vez corresponde à parte D-M do ciclo completo, digo eu novamente]”.⁴²

No fundo, no processo vender para comprar ocorre **uma troca de mercadoria por mercadoria** feita com a **mediação do dinheiro**. Diz Marx: O dinheiro só “serviu para facilitar a troca da primeira mercadoria pela segunda”. O resultado de todo o ciclo, esclarece Rosdolsky, “se reduz à troca de materiais M-M: ‘A mercadoria é trocada por dinheiro, o dinheiro é trocado por mercadorias’”.

Por assim ser, continua o autor de *Gênese* sempre apoiado em Marx, “se levarmos em conta o ciclo M-D-M em seu conjunto [o ciclo completo, digo eu], o dinheiro aparece como ‘um meio de troca das mercadorias; não um meio de troca em geral, mas sim um meio de troca adaptado ao processo de circulação, ou seja, **um meio de circulação** [das mercadorias, digo eu]’” (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).⁴³

Marx prossegue: “Enquanto”, na primeira parte do processo vender para comprar (ato M-D), “o dinheiro realiza o preço das mercadorias”, e “a mercadoria é trocada por seu equivalente real em ouro ou prata”, na segunda parte do ciclo completo, quando o dinheiro é transformado novamente em mercadoria (ato D-M), propiciando que a primeira mercadoria seja trocada pela segunda [M-M], “o dinheiro é algo [realmente, digo eu] **efêmero**” (grifo nosso). Como veículo dessa mediação, “sua substância [medida do valor] consiste em aparecer [ato M-D, digo eu] e desaparecer [ato D-M, digo eu novamente]. Como meio de circulação, o dinheiro **é apenas meio de circulação**. Para cumprir essa função, ele é apenas quantidade, número que circula” (grifo nosso)⁴⁴. Em nossa síntese: considerando a fórmula M-D do ciclo completo M-D-M o dinheiro tem a função de realizador do preço da mercadoria, aqui sua determinação como medida do valor ainda se faz presente; porém, levando em conta a fórmula D-M daquele ciclo o dinheiro apenas cumpre a função de meio de circulação, e aqui sua determinação como medida do valor não mais se faz presente.

Sob esse prisma Marx avança: “Como simples meio de circulação, na função que desempenha no fluxo constante da circulação, o dinheiro não é nem medida dos preços, pois ele já está posto como tal nos próprios preços, nem meio da realização dos

42 ROSDOLSKY, Roman. p. 131 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

43 Ibidem, p. 131 e 132.

44 Ibidem, p. 132.

preços, pois como tal ele existe em apenas um dos momentos da circulação [na primeira parte do ciclo completo: M-D, digo eu] e desaparece na totalidade desses momentos”.⁴⁵

Como meio de circulação, continua o filósofo alemão, o dinheiro é apenas “um simples representante do preço diante de todas as mercadorias”. E esse papel ele só faz idealmente. Como representante do preço, o dinheiro ouro, por exemplo, não precisa se apresentar materialmente na circulação, basta se colocar idealmente, sendo substituído, através do **padrão de preços**, por sua **forma moeda** (no caso, pelas moedas metálicas de cobre, alumínio, latão etc., por exemplo). Nesta relação, sentencia Marx, o dinheiro “[...] é o *signo de si mesmo*”.

Ora, sendo o dinheiro, nessa condição, apenas meio de circulação e de troca, prossegue o autor d’*O capital*, “a moeda de ouro ou de prata [no caso, o dinheiro de ouro ou de prata, digo eu] pode ser substituída por qualquer outro signo que expresse uma quantidade de sua unidade. Assim, o dinheiro simbólico pode substituir o dinheiro real, pois, como meio de troca, o dinheiro material [a moeda de cobre, por exemplo] também é simbólico”⁴⁶.

Como **signo** ou **dinheiro simbólico**, isto é, na **forma de moeda**, o dinheiro propriamente dito “perdeu seu valor de uso [seu valor de uso específico enquanto mercadoria-dinheiro de ouro, digo eu]; seu valor de uso [agora, digo eu novamente] coincide com sua determinação de meio de circulação [...]. Por isso, como moeda, é um signo indiferente à matéria de que é feito”. O dinheiro, como meio de circulação, “adquire na moeda sua forma mais característica”.

Mas Marx não para por aí: “como moeda”, diz ele, o dinheiro “perde também seu caráter universal e assume um caráter nacional ou local. Fragmenta-se em moedas de diferentes tipos, conforme o material com que foi fabricada [...]”. Para que assim seja recebe “um **aval político** e fala, por assim dizer, línguas diferentes em países diferentes”⁴⁷ (grifo nosso).

45 Ibidem, p. 133 (Ibidem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

46 Nesse ponto, fazemos remissão ao comentário de Rosdolsky sobre a origem do dinheiro que adiantamos no Folheto nº 03, quando reproduzimos a Nota Preliminar da Parte II de *Gênese*. Nele, o autor identifica quatro versões distintas entre si sobre o tema dinheiro em Marx. Nos *Grundrisse*, de acordo com Rosdolsky, Marx ainda considera que “o dinheiro em geral [...] aparece como mero signo de valor ou ‘símbolo’”, o que denota “a influência da teoria do dinheiro proposta por [David] Ricardo, que destaca *unilateralmente* a função do dinheiro como meio de circulação, e na qual ele aparece de fato como mero signo de valor” (grifo nosso). Entretanto, Karl já destacara nos próprios *Grundrisse* que, “embora sendo apenas um signo”, o dinheiro deve ser “uma mercadoria particular [uma terceira mercadoria]”. Nesses manuscritos, portanto, vê-se que “o dinheiro não só ‘representa’ o valor das mercadorias, mas também o ‘simboliza’”; o que, no dizer de Roman, “está em flagrante contradição com o verdadeiro sentido da teoria marxiana do dinheiro”, tanto é que tal entendimento foi abandonado por Marx mais adiante. Segundo Rosdolsky, “esse abandono” já é percebido no livro *Contribuição à crítica da economia política* (de 1859), não se encontrando mais, “a partir desse texto [...], rastros dessa ‘teoria do símbolo’” (Ibidem, p. 107 e 108). Até então, para Marx, “Como a mercadoria torna-se valor de troca geral [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco], o valor de troca [idem] torna-se uma mercadoria particular: isso se deve ao fato de que mercadoria específica recebe o privilégio de representar, de simbolizar o valor de troca [idem] das demais, ou seja, o privilégio de converter-se em dinheiro” – para o autor de *Gênese*, o erro de Marx, reconhecido por ele próprio em *Contribuição à crítica*, “está em equiparar os conceitos de ‘representar’ e simbolizar” (Ibidem, p. 507 Notas 20 e 21). Entretanto, no caso do contido no parágrafo em Nota, Rosdolsky considera que a denominada “teoria simbólica” do dinheiro se apresenta “de forma correta”, pois, aí, a ideia do “signo” ou “símbolo” é aplicada para a forma moeda do dinheiro como meio de circulação, digo eu (Ibidem, p. 515 Nota 25).

47 É o que Leda Paulani chama de “convencionalidade pelo Estado político”, ou convencionalidade estatal, como vimos em momento anterior.

Por meio do **Estado** se convencionou e se instituiu o **padrão de preços**, que possibilita o dinheiro desempenhar a função de **meio de circulação**, quando ele assume sua **forma real**, na condição de **moeda**, sem deixar de ser, antes, **medida do valor**, quando se apresenta na **forma ideal**. Aqui se vê que dinheiro e moeda não são a mesma coisa. **Moeda é o dinheiro quando este funciona como meio de circulação.**⁴⁸

Encerrando seu comentário sobre a segunda determinação do dinheiro em Marx, “tal como ela aparece nos *Grundrisse*”⁴⁹, Rosdolsky nos traz, replicando o autor de *O capital*, “que, como meio de circulação, a moeda ‘é indiferente à sua existência material, à quantidade de ouro ou de prata que lhe serve de substrato [a moeda pode ser de cobre, de latão ou qualquer outro material metálico inferior, digo eu]; ao contrário, sua quantidade é o aspecto essencial’ [já que ela [como meio de circulação ou de troca, digo eu] só pode ser um ‘signo de si mesma’, esclarece Rosdolsky]”. Porém, ainda segundo Karl Marx, na determinação como medida do valor, na qual o dinheiro só aparecia de forma ideal, “o substrato material [ouro ou prata, por exemplo, digo eu] era essencial, enquanto sua quantidade e sua existência eram em geral indiferentes”.⁵⁰

Para finalizar, voltamos com a professora Leda Paulani para uma breve revisão do disposto até aqui. “Enquanto expressão do valor dos bens” – enquanto medida do valor –, “o dinheiro não precisa estar presente efetivamente no intercâmbio, mas tão somente idealmente”. No entanto, enquanto meio de circulação das mercadorias, para que cumpra essa função, necessário se faz que através do padrão de preços estabelecido pelo Estado, conforme abordamos, “seja substituído, como diz Marx, por ‘signos de si mesmo’”, assumindo então uma forma real, a forma moeda (moedas metálicas como cobre, alumínio, latão etc.).⁵¹

Em resumo:

a) Como meio de circulação ou meio de troca o dinheiro não pode existir

48 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 53m13s-58m06s). Visto em 12.05.2022.

Neste artigo, acompanhando o critério adotado por Roman Rosdolsky, seguindo Marx, utilizamos a figura da *moeda metálica* (peça metálica) para representar o dinheiro como meio de circulação, mas cabe anotar que outros tipos de moedas serviram ou servem ao mesmo propósito, a saber: moeda-mercadoria, moeda-papel, papel-moeda, moeda-bancária e moeda-escritural (cartão de crédito etc.).

49 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 134.

50 Idem, p. 133 e 134. Em uma anotação derradeira, Roman Rosdolsky detecta que a exposição marxiana sobre a determinação do dinheiro como meio de circulação presente nos manuscritos *Grundrisse* é distinta da que aparece em *Contribuição à crítica da economia política* e em *O capital*. Naqueles manuscritos, diz ele, “Marx faz observações rápidas sobre a moeda divisionária [conjunto de moedas utilizado para transações de pequenos valores, sendo que no Brasil se utiliza a base centesimal para a moeda divisional (são os centavos da unidade do real), digo eu] e sobre o papel-moeda estatal de curso forçado [que é a moeda aceita pela economia por força de lei, não possuindo valor em si própria, sendo necessário um decreto governamental garantindo o seu valor – não é a mesma coisa que moeda fiduciária, cuja aceitação é feita pela confiança no emissor da moeda, digo eu]” (Ibidem, p. 133). No entanto, e talvez por isso, Rosdolsky não apresenta em *Gênese*, como ele mesmo revela, uma investigação da moeda divisionária e do papel-moeda, como também não realiza uma análise detalhada do ciclo M-D-M, que se acha nas duas obras posteriores citadas, precisamente nos capítulos sobre os meios de circulação. Ainda que, na avaliação do autor de *Gênese*, o tema seja oferecido nos *Grundrisse* como um “esboço fugaz”, esses manuscritos constituem “um complemento útil à compreensão das exposições posteriores, na medida em que encaram diretamente as funções que o dinheiro desempenha na realização dos preços das mercadorias e como meio de circulação propriamente dito” (Ibidem, p. 134).

51 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 47m44s-48m17s e 49m31s-50m41s). Visto em 16.05.2022.

só na forma ideal. Para que a troca ocorra efetivamente (a fim de que o intercâmbio real se realize), “para que a mercadoria de A, por exemplo, vá para as mãos de B, o dinheiro precisa estar presente, o sujeito B tem que ter o dinheiro equivalente à expressão monetária do valor daquele bem para que possa entregá-lo ao sujeito A e receber deste a mercadoria adquirida”. Para que exerça a função de meio de circulação o dinheiro precisa estar presente e circular, e o faz na forma moeda.⁵²

- b) Como meio de circulação “o papel do dinheiro é efêmero”, aparece e desaparece ao longo do processo de circulação das mercadorias.⁵³

Isso posto, assim como fizemos em relação ao item anterior, sugerimos rever o material complementar do Folheto nº 04, a videoaula “Dinheiro e o capital portador dos juros em Marx”, ministrada pela professora Leda Paulani, conforme referenciamos na Nota abaixo.⁵⁴

C) “O dinheiro como dinheiro”

Antes de mais nada, novamente fazendo referência ao Folheto nº 03 do presente artigo expositivo de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, mais precisamente ao disposto na Nota Preliminar da Parte II (“A primeira formulação da teoria de Marx sobre o dinheiro”), vimos que Roman Rosdolsky identifica quatro versões distintas entre si sobre o tema dinheiro em Marx, as quais se fazem presentes nos próprios manuscritos *Grundrisse* (1857/1858), na obra *Contribuição à crítica da economia política* (1859) e no Livro I d’*O capital* (“O processo de produção do capital”) (1867). Nesse rumo, Rosdolsky aponta que no tocante à investigação marxiana da terceira determinação do dinheiro, “o dinheiro como dinheiro”, os *Grundrisse* também “divergem consideravelmente da *Contribuição à crítica* e de *O capital*”.⁵⁵

Nos manuscritos *Grundrisse*, segundo Roman Rosdolsky, Marx concebe “a categoria do ‘dinheiro como dinheiro’, no essencial, como o desenvolvimento da forma D-M-D [que corresponde ao processo comprar para vender, digo eu]”, enquanto que na *Contribuição à crítica da economia política* o filósofo alemão “decidiu desenvolver a terceira determinação do dinheiro não a partir do ciclo D-M-D, mas sim ‘a partir da forma imediata da circulação das mercadorias, M-D-M [processo vender para comprar, digo eu novamente]’”⁵⁶. A par dessa constatação, o autor de *Gênese* apresenta no

52 Idem (videoaula, minutagem: 48m17s-49m31s). Visto em 16.05.2022.

53 Ibidem (videoaula, minutagem: 50m42s-50m57s). Visto em 16.05.2022

54 Videoaula **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**, minutagem: [41m44s-58m06s](#) (in PAULANI, Leda. Op. cit. Visto em 12.05.2022).

55 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 136. Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

56 Roman Rosdolsky pontua que, ao considerar, como fez nos *Grundrisse*, o ciclo D-M-D como o ponto de partida do desenvolvimento da terceira determinação do dinheiro, “o dinheiro como dinheiro”, Karl Marx demonstra que neste ciclo “o dinheiro não é apenas medida [do valor, digo eu] nem apenas meio de troca [meio de circulação, digo eu novamente], nem apenas ambas as coisas”, mas que “[...] possui também uma existência autônoma fora da circulação, e nessa nova determinação *pode* [o dinheiro, digo eu] ser subtraído da circulação, assim como a mercadoria *deve* ser subtraída dela [da circulação, digo eu mais uma vez] definitivamente” (grifo do autor). Contudo, como o próprio Marx detectou, o ciclo D-M-D “oculta, sob as formas dinheiro e mercadoria, relações de produção mais desenvolvidas”, ou seja, como emenda Rosdolsky, “aponta para que a produção capitalista [como tal, digo eu], e não a produção simples de mercadorias, passe a predominar” (Ibidem, p. 136). Ou seja, já pressupõe a existência de uma produção capitalista típica – já diz respeito ao processo de *transformação do dinheiro em*

capítulo oito, que corresponde ao presente item C, a abordagem já “corrigida” da terceira determinação do dinheiro. Ou seja, considera o desenvolvimento da terceira determinação do dinheiro a partir do ciclo **M-D-M**, que corresponde ao processo **vender para comprar** da circulação das mercadorias.

De acordo com Roman Rosdolsky, para Marx, “o dinheiro aparece em sua terceira determinação sob três formas: como **tesouro**, como **meio de pagamento** e como **moeda (ou dinheiro) mundial**”. Como tesouro, o dinheiro “permanece fora da circulação das mercadorias ou se retira dela”; como meio de pagamento, “embora ingresse nela [na circulação, digo eu], não o faz como meio de circulação [como mediador do intercâmbio de mercadorias, digo eu novamente]”; como dinheiro mundial, “finalmente, atravessa a barreira da circulação interna, demarcada pelas fronteiras estatais, para atuar como equivalente universal no comércio internacional, no mercado mundial”.⁵⁷

Enquanto em sua primeira determinação, como medida do valor, o dinheiro “operava apenas como **dinheiro ideal**” e na segunda, como meio de circulação, “apenas como **dinheiro simbólico**”, agora, conheceremos “as formas que mostram a **existência do dinheiro** ‘em sua **corporalidade metálica**’” (grifo nosso); formas nas quais “ele aparece ‘como única representação do valor ou única existência adequada do valor de troca, diante de todas as demais mercadorias, consideradas como simples valores de uso’. É aqui”, anuncia Rosdolsky, “que Marx fala do ‘**dinheiro como dinheiro**’, ou do ‘dinheiro em sua terceira determinação’” (grifo nosso).⁵⁸

Marx, no trato da determinação do “dinheiro como dinheiro”, refere-se ao fato de que o dinheiro “se torna independente, tanto em relação à sociedade como ao indivíduo [...], passando a representar o valor de todas as coisas, pessoas e relações sociais”.

Somente quando o dinheiro aparece efetivamente “como **suporte sólido do valor**, como **valor tornado autônomo**” (grifo nosso), o que se dá **definitivamente** com sua terceira determinação, só nessa condição “é que o dinheiro deixa de servir como simples intermediário do processo de intercâmbio, e, ao contrário, passa a enfrentar as mercadorias como meio de não circulação”.

Na determinação formal do dinheiro como medida do valor, em virtude da venda M-D, o dinheiro também se mostra autônomo, visto que essa autonomização já está “implícita no próprio conceito de dinheiro”, afirma Rosdolsky. Porém, na sua função de meio de circulação essa autonomização passa a ser transitória. Quando se considera o mesmo ato M-D como um elo do ciclo completo M-D-M, processo vender para comprar, este estado do dinheiro “serve [apenas, digo eu] aos fins da metamorfose M-M”, à finalidade de se trocar mercadoria por mercadoria. Nesta condição, o dinheiro só serviu para viabilizar o intercâmbio de M por M. Já cumpriu sua função de meio de troca. Por

capital. Por isso, a fim de investigar a formação e desenvolvimento da determinação do “dinheiro como dinheiro”, presente nas relações capitalistas mais avançadas, o filósofo alemão viu que era preciso partir do ciclo inicial M-D-M, que contempla todas as determinações anteriores do dinheiro (medida do valor e meio de circulação) e que “só mostra o reflexo de um momento mais complexo [o do ciclo D-M-D, digo eu]” (Ibidem, p. 130). E assim o fez em *Contribuição à crítica*, sua primeira obra posterior aos *Grundrisse*.

57 Ibidem, p. 135 e 136.

58 Ibidem, p. 135. Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes.

isso, na determinação do dinheiro como meio de circulação sua autonomização “tem um caráter transitório e evanescente”.

Feito esse introito, passemos à determinação do “dinheiro como dinheiro” e às três formas pela qual se apresenta.

C.1) O dinheiro como tesouro [ou entesouramento, digo eu]

No estudo das determinações antecedentes do dinheiro, vimos primeiramente que da sua função de equivalente geral decorre a sua condição de medida do valor e de padrão de preços das mercadorias, primeira determinação do dinheiro identificada por Karl Marx. Saindo da condição de medida do valor e de padrão de preços o dinheiro se coloca, em decorrência disso, como moeda, se põe a serviço da circulação das mercadorias, a serviço da realização do valor de uso das mercadorias – apresenta-se como meio de circulação ou de troca, segunda determinação do dinheiro identificada pelo filósofo alemão.⁵⁹

De acordo com a professora Leda Paulani, para Marx, “o dinheiro para deixar de ser servo das mercadorias [para sair da condição de mediador do intercâmbio, para se retirar do processo de circulação, digo eu] ele tem que ser enxergado como uma espécie de **mercadoria absoluta**, como **uma riqueza em si mesma** da qual ninguém duvida. Assim é o dinheiro quando ele se transforma em **tesouro**, em **reserva de valor**. Ser reserva de valor significa que pode ser entesourado (torna-se objeto de entesouramento)” (grifo nosso). Quando se transforma em tesouro ele está sendo visto como “encarnação da existência absoluta da riqueza e do valor”⁶⁰. “É o dinheiro como **um fim em si mesmo**. [Nessa condição] O dinheiro é desejado **pelo que ele é**, é desejado por ter essa **forma autonomizada do valor de uso** na qual ele se constitui” (grifo nosso).⁶¹

Conforme Roman Rosdolsky em *Gênese*, “A transformação do dinheiro em um ente autônomo aparece de forma mais clara em sua forma de tesouro”. Detalhemos essa assertiva. “Na troca”, historicamente ambientada no segundo estágio da evolução do intercâmbio de mercadorias (o denominado estágio do “intercâmbio de produtos”, que corresponde ao sistema de trocas diretas ou trocas primitivas)⁶², “ninguém pode desfazer-se de seu produto sem que simultaneamente outra pessoa se desfaça do seu [ciclo P-P,

59 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h04m17s-1h05m09s). Visto em 20.05.2022.

60 Atenção: o dinheiro como tesouro não é a mesma coisa de capital. Aqui não estamos tratando do capital-dinheiro. Dele cuidaremos em outro momento, quando abordarmos a transformação do dinheiro em capital (ciclo D-M-D), como mencionado.

61 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h05m55s-1h08m34s). Visto em 20.05.2022.

62 São estes os três estágios da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias listados em *Gênese*: Primeiramente, nas comunidades naturais, onde o homem produzia apenas o que necessitava imediatamente (sendo o limite de suas necessidades o limite de sua produção), havia somente “o *intercâmbio entre seu trabalho e o produto do seu trabalho*” (grifo nosso), uma “forma latente, o germe, do intercâmbio real”; no passo seguinte, “quando o homem passa a produzir mais do que necessita para o sustento cotidiano, quando seu trabalho lhe proporciona um ‘produto excedente’”, surge o que se conhece como “*intercâmbio de produtos*” (grifo nosso), e entre comunidades distintas, não ocorrendo no interior das próprias comunidades naturais – é o que se chamou de “*troca primitiva*”, a qual está muito distante do “*intercâmbio real de mercadorias*” (grifo nosso), terceiro estágio da evolução do intercâmbio, onde se passa a empregar “a mediação do dinheiro” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 109 e 110).

onde P = produto, digo eu⁶³]. Há aí uma “identidade imediata de dois atos”, “venda” do produto do próprio trabalho e “compra” do produto do trabalho alheio.⁶⁴

Porém, com o desenvolvimento mercantil, já no contexto do intercâmbio de mercadorias, e não mais de produtos, surgiu a necessidade da introdução de uma terceira mercadoria para que se efetivasse o intercâmbio – o dinheiro. Neste terceiro estágio, no estágio do “intercâmbio real de mercadorias”, ocorre, observa Marx, “um distanciamento entre compra e venda, a circulação quebra a identidade imediata dos dois atos [“vender o produto do próprio trabalho e comprar o produto do trabalho alheio”, intervém Rosdolsky]”. Doravante, “Ninguém precisa comprar imediatamente [comprar o produto do trabalho alheio, digo eu] – no mesmo local, no mesmo momento, da mesma pessoa – pelo simples fato de haver vendido [de haver vendido o produto do seu trabalho, digo eu]”.

A introdução de uma mercadoria-dinheiro, tal qual o ouro, diz Marx, “é [...] antes de tudo uma expressão evidente do desdobramento do processo de circulação, ou da metamorfose da mercadoria, em dois atos separados, indiferentes, que se realizam em paralelo” – o ciclo completo M-D-M se desdobra ou cinde nos atos M-D e D-M. Tal cisão, complementa Rosdolsky, torna possível “que o vendedor da mercadoria isole intencionalmente o ato M-D [ato da venda]”, não deixando que o ciclo se complete até D-M [ato da compra], de modo a “apoderar-se da forma-dinheiro da mercadoria”. Nesta hipótese, “o dinheiro se imobiliza para converter-se em **tesouro**, e o vendedor de mercadorias se converte em **entesourador**” (grifo nosso).⁶⁵

Em conformidade com o registro de Marx, muito embora o processo de entesouramento seja “comum a toda produção de mercadorias”, foi nas sociedades pré-capitalistas, onde as engrenagens de funcionamento de uma economia baseada na troca ainda não eram desenvolvidas, onde o intercâmbio de mercadorias ainda não constituía a base material da sociedade que dela se forja, que o entesouramento se colocou como “um fim em si mesmo”. Nesse sentido prescreveu: “quanto menos se desenvolveu o caráter do produto como mercadoria e menos o valor de troca se apoderou da produção em toda sua amplitude e profundidade, tanto mais o dinheiro aparece como a riqueza propriamente dita, a forma geral da riqueza, em oposição à sua limitada expressão como valores de uso”. Daí, completa Rosdolsky, “a grande importância da formação de tesouros nas sociedades antigas, nas quais só os valores de uso excedentes se transformam em mercadorias e nas quais ‘a um modo de produção tradicional e orientado para

63 Importante repetir um esclarecimento que já fizemos anteriormente. Em Marx, “produto” não é sinônimo de “mercadoria”. A forma mercadoria é típica do modo de produção capitalista e está relacionada com sua capacidade intrínseca de ser trocada no mercado, sua finalidade precípua; ao contrário do que ocorria nos modos de produção anteriores, onde o que se produzia, o “produto”, tinha como finalidade precípua seu valor de uso (utilidade) – sua capacidade de satisfazer as necessidades humanas –, sendo levado ao mercado, para troca, apenas o excedente produzido, cujo intercâmbio por outro produto completaria a satisfação das necessidades do produtor respectivo. No caso do parágrafo em Nota estamos tratando de “produto” e não ainda de “mercadoria”.

64 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 136. Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

65 Ibidem, p. 136 e 137. Rosdolsky acrescenta que “o entesouramento é típico das situações pré-capitalistas, mas ao mesmo tempo expressa tendências que, em última instância, impelem para a dissolução dessas condições primitivas e para o ocaso das comunidades que lhes correspondem”, uma vez que “são fundadas no valor de uso” como já vimos alhures (Ibidem, p. 138 e 139).

conservar-se corresponde um conjunto de necessidades firmemente delimitado”⁶⁶.

Nas sociedades pré-capitalistas mais atrasadas, assinala Karl Marx, “[...] O valor da mercadoria [produto, digo eu] mede a magnitude de sua força de atração sobre os demais elementos que compõem essa riqueza material; mede, portanto, a riqueza social do seu possuidor”. Nessas sociedades, para o possuidor, o valor da mercadoria (produto) “é inseparável da sua forma”.

Marx continua: “todas as formas da riqueza natural, antes que esta tenha sido substituída pelo valor de troca, supõem uma relação essencial do indivíduo com o objeto; o indivíduo, em um de seus aspectos, aparece objetivado na coisa, enquanto a posse da coisa aparece como um desenvolvimento de sua individualidade: a riqueza em ovelhas é o desenvolvimento do indivíduo como pastor; a riqueza em cereais, o desenvolvimento do indivíduo como agricultor etc.”⁶⁷.

O contrário se dá com a forma dinheiro das sociedades baseadas na troca, das sociedades capitalistas. Nelas, “o dinheiro como representante da riqueza universal, [...] como resultado puramente social, não supõe uma relação individual específica de seu possuidor. Sua posse não é o desenvolvimento de nenhum aspecto essencial da individualidade, [...] já que esta [relação] social existe ao mesmo tempo como objeto sensível, externo, que cada um pode possuir mecanicamente e que pode, da mesma forma perder”. Em nossas palavras: não importa se o possuidor do dinheiro é pastor de ovelhas ou agricultor, o seu vínculo com o dinheiro parece para nós como “puramente acidental”.

Porém, continua o autor d’*O capital*, “este vínculo com uma coisa que não está conectada de nenhum modo com sua individualidade lhe confere, graças ao caráter dessa coisa, um domínio absoluto sobre a sociedade, sobre todo o mundo das fruições, dos trabalhos etc.”.

Roman Rosdolsky replica dos *Grundrisse* uma frase de Marx que bem sintetiza o exposto: “[...] o poder que cada indivíduo exerce sobre a atividade dos outros ou sobre as riquezas sociais, ele o possui na medida em que seja proprietário de *valores de troca*, de *dinheiro* (grifo do autor). **Leva no bolso seu poder social e sua ligação com a sociedade**” (grifo nosso)⁶⁸. Rosdolsky, para fechar a questão, ainda reproduzindo Marx, desta feita recorrendo ao *O capital*, transcreve: “O poder social se converte assim em poder privado, pertencente a um indivíduo”⁶⁹.

Nessas passagens se vê revelado o **poder do detentor do dinheiro** (o poder do capitalista, detentor dos valores de troca) sobre os demais cidadãos e a forma que se relaciona com a sociedade.

O desejo individual de possuir dinheiro⁷⁰, “o instinto do entesouramento”, que, segundo Rosdolsky, “é ilimitado por natureza”, o desejo de enriquecimento (“diferente do desejo de se obter uma riqueza particular – vestidos, armas, joias,

66 Ibidem, p. 137. Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte.

67 Ibidem, p. 138. Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes.

68 Ibidem, p. 118.

69 Ibidem, p. 138.

70 O dinheiro não somente como um objeto, mas também como “o objeto do desejo de enriquecimento” (Ibidem, p. 139).

mulheres, vinho etc. [sic]”) somente “é possível quando a riqueza universal, a riqueza como tal, é individualizada em um objeto particular, ou seja, quando o dinheiro é colocado em sua terceira determinação”, na condição de “dinheiro como dinheiro”.⁷¹

De acordo com Marx, a forma tesouro da determinação do “dinheiro como dinheiro”, o processo de entesouramento, sobretudo do dinheiro-ouro, “pretende manter e preservar [o dinheiro] como riqueza abstrata”, inclusive, completa Rosdolsky, “independentemente do contexto social”.

Roman Rosdolsky destaca, sempre na companhia de Marx, que embora o entesouramento seja comum a toda produção de mercadorias, nas sociedades capitalistas modernas cada vez mais a forma de entesouramento de material monetário, como se dava com ouro, vem desaparecendo, cedendo lugar a outras formas de tesouro “que surgem do próprio processo de circulação e que, a rigor, são apenas momentos de repouso, ou pausas, desse processo”.⁷²

Nessa linha, “a divisão do trabalho e a separação entre compra e venda conduzem a uma acumulação temporária dos meios de circulação: ‘Cada um é o vendedor da mercadoria que produz, mas comprador de todas as mercadorias de que necessita para sua existência social. Enquanto sua ação como vendedor depende do tempo de trabalho que sua mercadoria requer para ser produzida, sua ação como comprador está condicionada por uma constante renovação das necessidades vitais. Para poder comprar sem vender, deve ter vendido sem comprar’”, ou seja, na circulação M-D-M, seguindo Marx, a fração D-M fragmentou-se em uma série de compras que não foram realizadas de uma só vez, mas se sucederam no tempo, de modo que uma porção de D circulou como moeda e a outra repousou como dinheiro (“como moeda suspensa”, diz Marx). E assim, “as diversas partes que compõem a massa monetária circulante aparecem revezando-se constantemente [no decorrer do tempo], ora numa forma, ora na outra”.

Desse fluxo, estende Roman Rosdolsky, nas pegadas do filósofo d’*O capital*, originam-se “fundos de reserva de moeda, ‘cuja formação, distribuição, dissolução e reconstituição se alteram constantemente’”. São canais que servem para adicionar ou subtrair “a massa de dinheiro circulante, que se expande e se contrai constantemente”. A eles, esclarece Rosdolsky, “se somam os fundos de reserva que surgem das funções do dinheiro como meio de pagamentos e como dinheiro mundial”, sobre as quais versaremos na sequência⁷³.

O que é específico dessas sociedades, o que é singular da produção capitalista, “é o entesouramento condicionado pela rotação do capital [dinheiro que se transformou em capital, digo eu], ou seja, a acumulação de ‘capital momentaneamente ocioso, deixado em repouso, que também inclui o capital-dinheiro recém-acumulado e não investido’”.

71 Ibidem, p. 139. Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte.

72 Ibidem, p. 140. Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes.

73 Rosdolsky complementa: “Além disso, em países onde a produção capitalista alcançou grande desenvolvimento, quando esses reservatórios ficam cheios demais isso indica ‘[...] uma paralisia da circulação de mercadorias com interrupção das suas metamorfoses’” (Ibidem, p. 140).

É certo que na produção capitalista, de acordo com Marx, “o entesouramento puro e simples nunca é a meta, mas sim o resultado ora de uma paralisia na circulação – quando massas de dinheiro maiores que as habituais adotam a forma de tesouro – ora de acumulações condicionadas pela rotação; ou então, por último, o tesouro só é formação de capital-dinheiro que, embora no momento esteja em forma latente, está destinado a funcionar como capital produtivo”⁷⁴. Sobre a distinção entre dinheiro e capital, ou melhor, sobre a transformação do dinheiro em capital, conforme já mencionamos, trataremos em momento específico da nossa **Expedição**.

C.2) O dinheiro como meio de pagamento

De acordo com Leda Paulani, para Marx, a determinação do “dinheiro como dinheiro” na forma de meio de pagamento demonstra que o dinheiro não tem só a função de mediar o intercâmbio das mercadorias, de ser meio de circulação ou meio de troca (“de atuar para as mercadorias mudarem de mãos”).⁷⁵

Para ilustrar a professora cita alguns casos: “No pagamento da renda da terra por um agricultor capitalista, quando o dinheiro é utilizado para pagar o aluguel da propriedade rural [na qual plantará a lavoura visando a venda futura do produto a ser colhido, acrescentamos], não se tem a utilização do dinheiro como meio de circulação, pois não há nessa relação intercâmbio de mercadorias. Esse também é caso do emprego do dinheiro para pagamento de dívida e do uso do dinheiro para se comprar a honra, consciência e virtude de alguém, atributos que sequer são valores de uso, mas que assumem a forma de mercadoria”. Outra situação, e talvez a mais importante, uma vez que é sobre ela que Marx dedica a atenção, diz respeito ao **dinheiro de crédito**, e com ele o desenvolvimento do **sistema de crédito**.

Grosso modo, a determinação do “dinheiro como dinheiro” na forma de meio de pagamento demonstra que o dinheiro, neste estado, desempenha uma função que vai além do papel como meio de circulação, como meio de troca das mercadorias. Na condição de meio de pagamento, o dinheiro é envolvido em uma série de relações, mas nenhum delas envolve o intercâmbio de mercadorias⁷⁶. Assim como na forma de tesouro, também aqui, na função de meio de pagamento, “o dinheiro aparece como **forma absoluta do valor**”, como **valor autônomo** em relação à função de mediador que exerce no processo de circulação de mercadorias⁷⁷. Ou seja, a circulação de mercadorias,

74 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 518, Nota 38. Por oportuno, relembremos a diferentes formas que o capital assume ao longo do processo de produção nas sociedades capitalistas: O *capital-dinheiro* é a forma em que se transforma o dinheiro quando aplicado produtivamente. O *capital-produtivo* é constituído da mão de obra para fazer a fábrica funcionar, da matéria-prima, a exemplo de couro, pregos, cola etc., e da energia necessária para viabilizar a confecção do produto final, sapatos, por exemplo; bem como dos equipamentos (máquinas, prédio etc.) que a mão de obra utilizará ou fará uso para transformar a matéria-prima. Já o *capital-mercadoria* é o produto ou mercadoria final: em nosso exemplo, os sapatos (in DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT. Consultado em 31.05.2020).

75 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h09m4s-1h10m49s). Visto em 25.05.2022. Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

76 Ibidem (videoaula, minutagem: 1h12m34s-1h12m47s). Visto em 25.05.2022.

77 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 140. Referindo-se à edição russa de 1939 do livro *Grundrisse* que tem em mãos, Rosdolsky observa que a forma do dinheiro como meio de pagamento é tratada apenas em dois momentos “e

se ocorrer, vai acontecer sem a presença do dinheiro como meio de circulação (o dinheiro na forma de moeda).

Roman Rosdolsky relembra que até esta altura do exame das determinações do dinheiro se partiu “da hipótese de que, ao circular, o dinheiro continua a atuar como meio de compra real; ou seja, os dois polos do intercâmbio – a mercadoria e o dinheiro – devem estar presentes simultaneamente”. Entretanto, é sabido que há momentos em que “as mercadorias que serão trocadas podem estar distanciadas no tempo. Embora relacionados um ao outro, os processos, por sua natureza, podem ocorrer separados: um acontece hoje, enquanto seu complemento acontece um ano depois etc.”, nos ensina Marx.⁷⁸

Rosdolsky, buscando auxílio em *O capital*, menciona que com o desenvolvimento do processo de circulação de mercadorias “desenvolvem-se circunstâncias que determinam uma separação cronológica entre a venda da mercadoria e a realização de seu preço [recebimento de dinheiro pela venda da mercadoria]”. Um tipo de mercadoria requer mais tempo para ser produzida outro não. Algumas mercadorias estão mais sujeitas as variações das estações do ano outras não. Algumas são produzidas no local onde também é comercializada, outras têm que ser deslocadas por enormes distâncias até encontrar seu mercado. Em função desses descasamentos um possuidor de mercadorias pode “assumir o papel de vendedor antes que outro assuma o de comprador. [...] Um possuidor de mercadorias vende uma mercadoria que já existe; o outro compra com uma mera **representação do dinheiro**, ou com uma **representação de um dinheiro futuro**”⁷⁹. Mas também pode acontecer que um proprietário de mercadoria ainda não produzida a venda imediatamente para entrega futura, recebendo pela venda, total ou parcialmente, no ato do contrato – nesta hipótese, pode ser, inclusive, que o respectivo contrato seja utilizado pelo comprador para a realização de outros negócios referentes à mesma mercadoria, e assim por diante.

Nesses casos, como Rosdolsky observa, há uma modificação do “caráter original da metamorfose da mercadoria” que faz surgir as figuras do **credor e devedor**, e um novo vínculo passa a ocupar “o lugar da relação entre vendedor e comprador”. Nessa situação, “o próprio dinheiro adquire uma nova determinação, como **meio de pagamento**” (grifo nosso).⁸⁰

de forma muito rápida” e fragmentada: no final do “Capítulo sobre o dinheiro” dos manuscritos *Grundrisse* (“Elementos fundamentais da crítica da economia política”) propriamente ditos e, depois, num fragmento da primeira versão da obra *Contribuição à crítica da economia política*, publicado na referida edição. Mas mesmo assim reconhece neles “o essencial” para a investigação sobre o tema (Idem, p. 140 e 141).

78 Ibidem, p. 141.

79 Ibidem, p. 518 Nota 39.

80 Ibidem, p. 141. Como pudemos constatar até o momento do nosso estudo das determinações formais do dinheiro, as diversas determinações que ele “adquire no processo de circulação são apenas alterações de formas cristalizadas nas próprias mercadorias, apenas a expressão objetiva das relações sociais nas quais os proprietários de mercadorias levam adiante a metamorfose destas. [...] Assim, originalmente, os proprietários de mercadorias se enfrentavam só como proprietários de mercadorias; logo se converteram, um deles em vendedor, outro em comprador; logo cada um deles, alternadamente, passou a ser comprador e vendedor; ambos se tornaram entesouradores; finalmente, homens ricos. Assim, os proprietários de mercadorias não saem do processo de circulação da mesma forma como nele entraram. [...] No processo de circulação se originam novas relações de negócios; como veículos dessas condições modificadas, os proprietários de mercadorias assumem novos caracteres

Em outros termos, de acordo com Leda Paulani, na forma do dinheiro como meio de pagamento, na forma de dinheiro-crédito, “a mercadoria muda de mãos apesar de o dinheiro não estar efetivamente presente naquela relação; a mercadoria vai poder realizar o seu valor de uso [vai poder atender a necessidade de quem a adquiriu] antes que seu próprio valor [ou valor econômico ou intrínseco ou mercantil, digo eu] se realize, pois foi vendida a crédito [a prazo]. Por assim ser, o dinheiro deixa de ser meio de circulação, pois a circulação das mercadorias, nessa condição, acontece mesmo na ‘ausência’ dele”.⁸¹

Contudo, ressalva Rosdolsky amparado em Marx, “o dinheiro só pode exercer essa função na medida em que represente a ‘única existência adequada do valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco ou mercantil, digo eu]’, ou a ‘forma absoluta da mercadoria’”, que apareça como **valor autônomo** em relação à função de mediador que exerce no processo de circulação das mercadorias, “isto é, na medida em que sua terceira determinação [“o dinheiro como dinheiro”, digo eu] já esteja desenvolvida”.⁸²

Como mencionado de passagem, o dinheiro de crédito traz com ele o desenvolvimento do sistema de crédito. Pois bem, a produção capitalista, com o desenvolvimento desse sistema, busca não depender da circulação metálica do dinheiro, inclusive no que se refere ao entesouramento, por exemplo. Diz Marx: “na medida em que os pagamentos se compensam, o dinheiro se apresenta como forma evanescente, medida meramente ideal, imaginária, das magnitudes de valor intercambiadas. Sua intervenção física se reduz a cobrir saldos relativamente insignificantes. O desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento universal [...] acompanha o desenvolvimento de uma circulação mais elevada, mediada, fechada em si mesma e já colocada sob controle social; uma circulação na qual se suprime a importância que o dinheiro possui na circulação metálica simples [...]”.

Nessa configuração, o dinheiro real só volta a assumir um papel importante “quando perturbações súbitas no sistema de crédito interrompem o fluxo de compensação dos pagamentos”. Nessas hipóteses “[...] o dinheiro se faz subitamente necessário, como meio de pagamento universal e real”. Surge a demanda de que toda a riqueza exista como mercadoria e como dinheiro. “Nesses momentos de crise, o dinheiro aparece como a única riqueza, e isso se manifesta na desvalorização da riqueza material real [pois há uma corrida pelo dinheiro]. Perante o mundo das mercadorias, o valor existe apenas em sua forma adequada e exclusiva de dinheiro”.⁸³

Da forma dinheiro como meio de pagamento, Roman Rosdolsky, ancorado em Marx, extrai o que este denomina de “contradição imanente ao desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento universal”, sobretudo diante dos momentos de crises. Nessas crises o dinheiro “é demandando como valor de troca que se tornou autônomo,

econômicos” (Ibidem, p. 519 Nota 40 (texto que Rosdolsky extraiu de *Contribuição à crítica*)).

81 PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e capital portador de juros em Marx**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h11m38s-1h12m22s). Visto em 25.05.2022.

82 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 141 (Idem em relação à redação ao parágrafo seguinte).

83 Ibidem, p. 141 e 142.

equivalente universal que existe fisicamente, substrato material da riqueza abstrata". É demandado na forma que é objeto do entesouramento propriamente dito, como dinheiro real. E aí reside a contradição que o desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento universal encobre, diz Marx: de um lado, "o valor de troca adotou formas independentes em relação ao seu modo de existência como dinheiro [uma delas o transformou em meio de pagamento, onde o dinheiro não precisa estar presente, o crédito tomou o seu lugar]", do outro, diante das crises, principalmente as originadas no próprio sistema de crédito, "seu modo de existência como dinheiro tornou-se definitivo e o único adequado"⁸⁴. Então, "toda a riqueza real deve transformar-se súbita e efetivamente em dinheiro, em ouro e prata, exigência insana que, não obstante, emana necessariamente do próprio sistema [de crédito digo eu]"⁸⁵.

Em suma, Roman Rosdolsky conclui que "A evolução do dinheiro em sua função de meio de pagamento mostra de forma especialmente clara como as formas de circulação influenciam, de volta, as relações de produção". Nesse sentido, encerra o capítulo oito de *Gênese* transcrevendo mais uma passagem de *Contribuição à crítica da economia política*, que replicamos por conter um fluxo bastante claro da evolução do dinheiro até sua forma de meio de pagamento, considerando o ciclo M-D-M (processo vender para comprar) adotado por Marx para investigar a determinação do "dinheiro como dinheiro":⁸⁶

"Originalmente, a transformação do produto em dinheiro só aparece na circulação como uma necessidade individual do proprietário de mercadorias, pois seu produto não é valor de uso para ele, convertendo-se em valor de uso apenas depois de sua alienação [ou seja, para poder adquirir a mercadoria que deseja precisa vender a mercadoria que possui e que para ele não tem utilidade]. Mas, para pagar na data do vencimento do contrato [visto que adquiriu a mercadoria que desejava a prazo], ele deve ter vendido a mercadoria [ato M-D]. Logo, independentemente de suas necessidades individuais, a venda transformou-se, para ele, em uma necessidade social, inserida no processo de circulação. Como ex-comprador de uma mercadoria, ele se converte obrigatoriamente em vendedor de

84 Ibidem, p. 142.

85 Ibidem, p. 519 Nota 45 (o conteúdo do parágrafo em Nota foi extraído por Rosdolsky d' *O capital*). Chamamos atenção mais uma vez que na investigação marxiana sobre o dinheiro, pelo menos pelo que estudamos até agora, o dinheiro base é o dinheiro-ouro ou prata, o dinheiro metálico. Nesse sentido, prosseguindo na apreciação da contradição identificada, Marx coloca a mesma questão de outra forma. Tomando o ouro e a prata com a base material do dinheiro que examina, verifica que a alteração no valor do ouro e da prata, embora não afete a função do dinheiro como medida do valor das mercadorias, "se torna decisiva para o dinheiro como tesouro, pois, com a alta ou baixa do valor do ouro e da prata, cresce ou diminui a magnitude do valor do ouro ou da prata entesourados". Mas o efeito dessa alteração não para por aí. Sua importância, continua o filósofo alemão, "é ainda maior para o dinheiro como meio de pagamento", visto que "o que deve ser pago é a quantidade de ouro ou de prata que, na data da celebração do contrato, representava um certo valor, ou seja, um certo tempo de trabalho". Como o pagamento da realização da venda a prazo pelo comprador só corre bem depois da entrega da mercadoria comprada, "a mesma quantidade de ouro e de prata pode conter um valor maior ou menor, em relação à época em que o contrato foi celebrado". Vê-se, portanto, que "a natureza do dinheiro encarnado em uma mercadoria específica [ouro ou prata, digo eu] entra em conflito com sua função de valor de troca tornado autônomo" (Ibidem, p. 142 e 143).

86 Ibidem, p. 143.

outra mercadoria [ato M-D], para obter o dinheiro não como meio de compra [pois adquiriu a mercadoria que deseja a prazo], mas como meio de pagamento [para honrar o contrato de crédito que pactuou]. [...] A transformação da mercadoria em dinheiro ou a primeira metamorfose da mercadoria vista como fim em si mesma, que no entesouramento parecia um capricho do proprietário [que vendia sua mercadoria (ato M-D) mas não comprava outra, não completando o ciclo M-D-M], converteu-se agora em uma função econômica. O motivo e o conteúdo da venda – realizada para pagar [para honrar o contrato de crédito] – são um conteúdo que surge da forma do processo de circulação”.⁸⁷

C.3) O dinheiro como moeda mundial⁸⁸

Na última forma da determinação do “dinheiro como dinheiro” identificada por Marx veremos “o papel que o dinheiro desempenha como **meio internacional de pagamentos** e de **compra**, ou seja, como **moeda mundial**” (grifo nosso).

Como adiantado na descrição do papel do dinheiro no sistema internacional transcrita acima, vê-se, conforme o próprio Marx elucida, que essa forma do dinheiro não possui nenhuma “determinação nova, que se some às de ser dinheiro em geral, equivalente geral e, conseqüentemente, tesouro e meio e pagamento”. O que há de diferente é que o dinheiro como moeda mundial, “quando sai do âmbito da circulação interna [...] perde suas formas locais específicas – padrão de preços, moeda, moeda divisionária e signo de valor”, que são características atribuídas ao dinheiro por cada Estado em particular, como já vimos. Rosdolsky reforça: “no mercado mundial, o dinheiro não recebe funções especiais diferentes das que já conhecemos”. Nessa condição, diz Marx, “o dinheiro retoma a forma originária de metais preciosos, de barras ou lingotes”.⁸⁹

Isso posto, seremos breve. Na circulação internacional das mercadorias, considerando o ouro e a prata, sobretudo o primeiro, como a base do dinheiro da investigação marxiana, como já dito, o dinheiro aparece como **meio universal de troca**, e não como meio de circulação. Ele não circula como moeda, não é cunhado como moeda. O dinheiro internacional atua como **meio de compra** (aquisição de mercadorias de um país por outro) e **meio de pagamento**, sendo que esta última forma predomina, “para equilibrar balanços internacionais”. Porém, importante pontuar, que nessa função “o dinheiro deve existir em sua **forma de tesouro**, em seu corpo metálico, em uma forma em

87 Note que a partir desse fluxo podemos perceber com mais clareza a contradição imanente ao desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento, sobre a qual tratamos na Nota 430: ao mesmo tempo que a forma do dinheiro como meio de pagamento (o dinheiro-crédito) pode incrementar a circulação de mercadorias, e, por conseguinte, a produção, independente da presença do dinheiro real como meio de circulação, também pode desequilibrar a produção quando esse fluxo é alterado ou quebrado, quando, por exemplo, não se cumpre o contrato (seja por não se honrar o pagamento da mercadoria adquirida a prazo, seja por não se entregar a mercadoria pela qual já se pagou).

88 O autor de *Gênese* inicia a abordagem da última forma do “dinheiro como dinheiro” esclarecendo que ela se apoia exclusivamente no fragmento da primeira versão da *Contribuição à crítica da economia política* (1858), já mencionado, no próprio livro *Contribuição à crítica*, publicado em 1859, e em *O capital* (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 143 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte)).

89 Ibidem, p. 144. Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes.

que não é apenas forma de valor, mas valor em si”.

Além disso, o dinheiro funciona no mercado mundial também “como a **materialização da riqueza**”. Quando se faz transferências de riqueza de um país a outro, na impossibilidade de se fazer essas transferências na forma de mercadorias ou pelo próprio objetivo da transferência (exemplos: “subsídios, empréstimos, etc.”).

É certo que a “universalidade da sua aparição, que corresponde à universalidade de seu conceito” efetivamente “distingue a função do dinheiro no mercado mundial”, garante Marx. Só aí o dinheiro se converte “na mercadoria universal, não só de acordo com seu conceito, mas também como modo de existência”.⁹⁰

Prescreve de uma vez por todas o filósofo alemão: somente no mercado mundial “o dinheiro [do modo de produção capitalista, digo eu] funciona, de maneira plena, como a mercadoria cuja forma natural é, ao mesmo tempo, a encarnação social do trabalho humano *in abstracto*” (grifo do autor).⁹¹

Nesse sentido, na companhia de Rosdolsky e Marx, temos que “o dinheiro só se realiza ‘em sua terceira determinação [de “dinheiro como dinheiro”]’ no dinheiro mundial, na ‘mercadoria universal do mercado mundial’”.

Por fim, também em relação à terceira determinação do dinheiro, sugerimos rever o material complementar do Folheto nº 04, a videoaula “Dinheiro e o capital portador dos juros em Marx”, ministrada pela professora Leda Paulani, conforme referenciamos na Nota abaixo.⁹²

⁹⁰ Ibidem, p. 144 e 145.

⁹¹ Ibidem, p. 145 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

Rosdolsky vai ao *O capital* mais uma vez: “Mas só o comércio exterior, a evolução do mercado na direção do mercado mundial, é que transforma o dinheiro em dinheiro mundial e o trabalho abstrato em trabalho social. A riqueza abstrata, o valor, o dinheiro, ou seja, o trabalho abstrato se desenvolve na medida em que o trabalho concreto abarca a totalidade dos modos de trabalho presentes no mercado mundial. A produção capitalista se baseia no valor, ou no desenvolvimento do trabalho contido no produto do trabalho social [no trabalho abstrato, digo eu]. Mas isso só é possível tendo como base o comércio exterior e o mercado mundial. Isso é tanto uma premissa como um resultado da produção capitalista” (Ibidem, p. 520 Nota 62).

⁹² Videoaula **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**, minutagem: [1h5m10s e seguintes](#) (in PAULANI, Leda Maria. Op. cit. Visto em 12.05.2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.
- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyjBHqnxRM0>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%3ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf>.
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio “Trent’Anni Doppo**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.
- CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.
- CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx.** Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx, de Roman Rosdolsky.** Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista.** Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto.** Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels.** Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx “A burguesia e a contrarrevolução”.** Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção.** Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características.** Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach.** Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação.** Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx.** Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital.** Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels.** Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho.** Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse.** São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch.** Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse**(vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo). TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvQ>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/. em

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>. em

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf. em

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender *O capital*, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. em

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. em

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em *O Capital* de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky, Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de *O Capital* Manual de Economia Política**. Livro primeiro: O Valor Regulador do Regime de Produção de Mercadorias Capítulo I - O trabalho, base do valor Capítulo I, Item 6. Trabalho concreto e trabalho abstracto e Item 7. Trabalho individual e trabalho socialmente necessário. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. em

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>. em

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital. Livro III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão**. Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida**. São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo. **200 anos de Engels – A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

_____. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

- PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.
- PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.
- PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.
- PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.
- PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.
- QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.
- RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.
- REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.
- RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.
- ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.
- ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.
- SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.
- SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.
- _____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.
- SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.
- SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.
- SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.
- SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.
- SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosófica)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+antropol%C3%B3gico>.
- SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.
- SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

- _____. **Matéria.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mat%C3%A9ria>.
- _____. **Substância.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/subst%C3%A2ncia>.
- SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital.** Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.
- SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia.** Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.
- SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatique.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.
- SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>.
- SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”.** Disponível em http://www.escolapcdo.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.
- SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.
- SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.
- SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia).
- _____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).
- _____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).
- _____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.
- SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggm.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-meszáros-em-para-alem-do-cap/>.
- SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.
- SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>.
- SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia.** Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>.
- SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.
- _____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.
- _____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.
- _____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%BCher.
- _____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.
- _____. **A sagrada família.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)).
- _____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores.
- _____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.
- _____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.
- _____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.
- _____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.
- _____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).
- _____. **Capitalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.
- _____. **Capitalismo Industrial.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.
- _____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

-
- _____. **Cogito ergo sum.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.
- _____. **Comuna de Paris.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.
- _____. **Comunismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_Economia_Pol%C3%ADtica. em
- _____. **Coruja de Atena.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Democracia direta.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%ADtica)).
- _____. **Ditadura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico. em
- _____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%ADtica. em
- _____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

-
- _____. **Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
-

- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adsica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%Ads_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.

_____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Revolu%C3%A7%C3%A3o Industrial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial).

_____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.

_____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre a Quest%C3%A3o Judaica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica). em

_____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.

_____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em

_____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.

_____. **Sociedade comunista.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade comunista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista)

_____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia \(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).

_____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria da revolu%C3%A7%C3%A3o permanente](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente).

_____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento desigual e combinado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado). em

_____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo em um s%C3%B3 pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u+m%20s%C3%B3.pol%C3%Aadtica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u+m%20s%C3%B3.pol%C3%Aadtica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin). e m

_____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria do valor-trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho).

_____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses sobre Feuerbach](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach).

_____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho Assalariado e Capital](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital). em

_____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o da Alemanha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha). em

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor de troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o). em

_____. **Valor de uso.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor de uso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso).

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** Revista Eletrônica Arma da Crítica. São Paulo-SP: N. 04. 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TIBLE, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>. em

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usg=AOvVaw. em